



Universidade de Brasília
Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação
Departamento de Ciência da Informação e Documentação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCInf)

O uso da folksonomia na organização e recuperação da informação fotográfica: o caso do
acervo da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura - CONTAG

ALESSANDRA DOS SANTOS ARAÚJO

BRASÍLIA
2013

ALESSANDRA DOS SANTOS ARAÚJO

O uso da folksonomia na organização e recuperação da informação fotográfica: o caso do acervo da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura - CONTAG

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Departamento em Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília - UnB

Orientador: Prof^o. Dr^o. André Porto Ancona Lopez

BRASÍLIA

2013

Araújo, Alessandra dos Santos.

O uso da folksonomia na organização e recuperação da informação fotográfica o caso do acervo da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG. [manuscrito]. / Alessandra dos Santos Araújo. – 2013.

120f: Il. Color.; 30cm

Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2013.

Orientador: Prof. Dr. André Porto Ancona Lopez.

1. Folksonomia. 2. Fotografia. 4. Acervo. 5. Contag. 6. Organização e recuperação da informação. Título.

ALESSANDRA DOS SANTOS ARAÚJO

O uso da folksonomia na organização e recuperação da informação fotográfica: o caso do acervo da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura - CONTAG

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Departamento em Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília – UnB.

Aprovada em 12 de março de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. **ANDRÉ PORTO ANCONA LOPEZ**
(Presidente)

Prof. Dr. **CLÁUDIO GOTTSCHALG DUQUE**
(Membro Interno- UNB - PPGCINF)

Prof. Dr. **JOSÉ VICENTE DE FREITAS**
(Membro Externo – FURG / MEC)

Prof. Dr. **MAMEDE LIMA MARQUES**
(Suplente – UNB – PPGCINF)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao Prof. Dr^o. André Porto Ancona Lopez, orientador deste trabalho, pelo aprendizado na área de fotografia e arquivologia, pelas suas excelentes aulas e pelas descobertas que fiz ao longo de minha trajetória no mestrado. Por ter aceitado este desafio e pela definição do rumo que tomou a dissertação, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço aos meus colegas do Grupo de Pesquisa Acervos Fotográficos - GPAF, pelas colaborações e sugestões ao trabalho. Obrigado pela convivência e pelo aprendizado em conjunto.

À Prof.^a Dr^a Antonia Salvador Benitez, professora visitante da Universidade Complutense de Madrid e ao Prof.^o Dr^o Cláudio Gottschalg Duque, componentes da Banca de Qualificação pelas relevantes sugestões ao trabalho.

Ao Bibliotecário do SEBRAE Nacional Geraldo Magela de Sousa, que foi o primeiro a sugerir o tema da folksonomia, com quem aprendo a cada conversa, sempre.

À CONTAG pela oportunidade de iniciar o projeto de desenvolvimento do seu Centro de Memória, fator este que viabilizou o acesso às fotografias do seu acervo, bem como à sua história através da *Marcha das Margaridas*.

Às “meninas” da Secretaria da Pós, Martha e Jucilene, bem como à Faculdade de Ciência da Informação da UNB.

À minha pequena, mas grande família: irmãs, meu querido e amado sobrinho, pai e mãe, por fazerem parte desse momento, pois o caminho e a estrada que seguimos sempre tem um espinho, mas absolutamente nada que possa ser superado, com doses de dedicação e perseverança.

Ao Prof.º Drº . José Vicente de Freitas, por ter participado da banca final do trabalho e aceitado o convite em meio aos seus inúmeros compromissos frente ao Ministério da Educação.

Por fim, à CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

“A melhor coisa sobre uma fotografia, é que ela não muda, mesmo quando as pessoas mudam.”

Andy Warhol

RESUMO

A pesquisa analisou o uso da folksonomia no processo de organização e acesso à informação fotográfica a partir de estudo de caso: o acervo da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG). Esta investigação resultou do desenvolvimento de projeto que integra uma proposta mais abrangente de recuperação, preservação e gestão da memória desta entidade sindical. Como objetivo geral, intentou-se verificar se a folksonomia constitui-se numa estratégia capaz de viabilizar o aprimoramento da organização do acervo fotográfico da CONTAG, facilitando o acesso à recuperação da informação, buscando trabalhar com os seguintes objetivos específicos: - analisar em que medida pode ocorrer a colaboração participativa a partir do chamamento à militantes, dirigentes e simpatizantes, entre outros atores, no processo de geração de folksonomia com vista à recuperação da informação deste acervo fotográfico e, por decorrência, na construção coletiva do conhecimento sobre a memória da entidade; - analisar quais são os impactos da folksonomia pelo uso da plataforma de partilha denominada *Flickr* e pelo estímulo direto ao grupo de interesse, no processo de atribuição de palavras-chave e na recuperação da informação do acervo fotográfico; - compreender como a *web* colaborativa pode contribuir no processo de preservação e proteção do patrimônio fotográfico vinculado a experiência sindical rural no Brasil. A reflexão proposta orientou-se por uma fundamentação conceitual reconhecida na literatura especializada, que se constitui por discussões no campo da Ciência da Informação, *Web 2.0/3.0* e pelo conceito de folksonomia. Dedicou-se uma seção para apresentar a trajetória da CONTAG e a sua produção documental. Como recurso metodológico, a investigação se constituiu pelo uso de aportes pertinentes a uma investigação de enfoque qualitativo, de cunho exploratório. A própria *Web 2.0* também foi utilizada como estratégia metodológica, por meio da qual se viabiliza o espaço para o exercício da folksonomia, particularmente para análise das fotografias sobre a Marcha das Margaridas disponibilizadas na plataforma de compartilhamento de imagens do *Flickr*. Outro recurso utilizado foi a proposição, a um conjunto de atores envolvidos com a CONTAG, de um questionário do tipo *Survey Monkey*, por meio do qual buscou-se informações sobre a base social dos envolvidos e indução à atribuição de palavras-chave. Em termos de encaminhamento, a pesquisa aponta para a possibilidade efetiva de processos folksonômicos, especificamente via *Flickr* e *blog*, como recursos de construção coletiva do conhecimento sobre a história sindical da entidade. Tomado também como um recurso folksonômico de organização, oferecendo a possibilidade de interação entre a imagem e o visitante, permitindo a adição de *tags* às imagens, o acervo fotográfico torna-se assim um produto de conhecimento que está sendo construído coletivamente. A hipótese proposta nesta pesquisa aponta a perspectiva de que a folksonomia pode constituir-se em vetor que viabiliza o aprimoramento da organização do acervo fotográfico da CONTAG, facilitando o acesso à recuperação da informação.

Palavras-chave: Folksonomia. Acervo Fotográfico. Memória Institucional. *Web 2.0/3.0*. *Flickr*. *Blog*. Linguagens Documentárias. Ontologia. CONTAG. Marcha das Margaridas.

ABSTRACT

The research examined the use of folksonomy in the process of organizing and accessing information from photographic case study: the collection of the National Confederation of Agricultural Workers (CONTAG). This research resulted in the development of a proposed project that integrates broader recovery, preservation and management of the memory of a labor union. As a general goal, an attempt to verify whether the folksonomy constitutes a strategy to facilitate the improvement of the organization's photographic collection CONTAG, facilitating access to information retrieval, seeking to work with the following specific objectives: - to analyze to what extent participatory collaboration can occur from call to militants, leaders and supporters, among other actors in the process of generation of folksonomy for the retrieval of information from this photographic collection and, consequently, the collective construction of knowledge about memory entity , - analyze what are the impacts of the use of folksonomy sharing platform called Flickr and by directly stimulating the interest group, the process of assigning keywords and information retrieval in the photographic collection; - understand how the web can collaboratively contribute to the process of preservation and protection of heritage linked photographic experience rural labor in Brazil. The proposed reflection guided by a conceptual basis recognized in the literature, which constitutes by discussions in the field of Information Science, Web 2.0/3.0, and the concept of folksonomy. Dedicated a section to present the trajectory of CONTAG and its document production. As a methodological resource, research is constituted by the use of inputs relevant to an investigation of qualitative and quantitative approach of exploratory. The very Web 2.0 has also been used as a methodological strategy, through which it enables the space for the practice of folksonomy, particularly for analysis of photographs of the March of Daisies available on the platform to share images from Flickr. Another resource used was the proposition, a set of actors involved with CONTAG, a questionnaire like Survey Monkey, through which we sought information on the basis of social and induction involved the allocation of keywords. In terms of routing, the research points to the possibility of effective processes folksonomicos, specifically via Flickr and blog, as resources for collective construction of knowledge about the history of trade union organization. Taken as a resource also folksonomico organization, offering the possibility of interaction between the image and the visitor, allowing you to add tags to images, the photographic collection thus becomes a product of knowledge being built collectively. The hypothesis proposed in this research points to folksonomy perspective that can form themselves into vector that enables the improvement of the organization's photographic collection CONTAG, facilitating access to information retrieval

Keywords: Folksonomy. Photographic Collection. Semantic Web. Institutional Memory. Web 2.0. Documentary Language. Ontology. CONTAG. March of the Daisies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Desenvolvimento da web.	40
Figura 2: Mapa conceitual do termo Folksonomia.....	51
Figura 3: Página inicial do Flickr.....	56
Figura 4: Página de usuário do Flickr.....	56
Figura 5: Site do Projeto Memória Viamense.....	64
Figura 6: Marcha das Margaridas.....	72
Figura 7: Fase I do Projeto.....	79
Figura 8: Fase II do Projeto.....	79
Figura 9: Fase III do Projeto.....	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Formação dos respondentes.....	90
Tabela 2: Sexo dos respondentes.....	91
Tabela 3: Distribuição etária dos respondentes	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CI – Ciência da Informação

CONARQ – Conselho Nacional de Arquivos

CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

CUT – Central Única dos Trabalhadores

FCG – Fundação Calouste Gulbenkian

MM – Marcha das Margaridas

MMM – Marcha Mundial das Mulheres

UnB – Universidade de Brasília

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Prós e Contra no uso da Folksonomia49

Quadro 2: Fases do projeto apresentados à CONTAG.....78

Quadro 3: Distribuição das palavras-chave por categoria88

Quadro 4: Palavras-chave por categoriaPalavras-chave por categorias.....92

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	11
LISTA DE TABELAS	11
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	12
LISTA DE QUADROS.....	12
1 INTRODUÇÃO	15
1.1 PROBLEMA	18
1.2 QUESTÃO DE PESQUISA.....	20
1.3 OBJETIVOS	20
1.3.1 Objetivo Geral	21
1.3.2 Objetivos específicos.....	21
1.4 JUSTIFICATIVA	21
2 REVISÃO DA LITERATURA	24
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	30
3.1 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	30
3.1.1 Organização e recuperação da informação: eixos estruturantes da Ciência da Informação	32
3.1.2 Linguagens documentárias	34
3.1.3 Ontologias	36
3.2 A (R)EVOLUÇÃO DA INTERNET: DA WEB 1.0 À 3.0.....	38
3.3 <i>WEB</i> SEMÂNTICA	41
3.4 FOLKSONOMIA	43
3.4.1 A utilização da Folksonomia.....	53
3.4.2 A folksonomia aplicada ao contexto das fotografias.....	54
4 ACERVOS FOTOGRÁFICOS INSTITUCIONAIS NA <i>WEB</i>: NOVAS POSSIBILIDADES	60
5 CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA: HISTÓRIA E PRODUÇÃO DOCUMENTAL.....	65
5.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	65
5.2 A MARCHA DAS MARGARIDAS	71

6 METODOLOGIA	81
7 FOLKSONOMIA APLICADA AO ACERVO FOTOGRÁFICO DA CONTAG, COM FOCO NA COLEÇÃO MARCHA DAS MARGARIDAS: PERSPECTIVAS E DESAFIOS	86
8 RESULTADOS.....	94
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERENCIAS.....	100
ANEXO A – Questionário	106

1 INTRODUÇÃO

Uma das características da área da Ciência da Informação é a busca por métodos eficazes e práticos para a organização da informação. Com o advento da internet e a proliferação da informação disponível, pesquisadores da informação têm se dedicado a estudar sobre os modos como objetos informacionais podem ser organizados e representados na *web*. E nesse contexto, a folksonomia emerge como um tema candente, que tem alimentado muitas discussões.

A folksonomia é um neologismo proveniente do inglês *folksonomy*, termo este cunhado pelo arquiteto da informação Thomas Vander Wal, em 2004, para designar o fenômeno de atribuição livre e pessoal de etiquetas aos conteúdos informacionais disponibilizados na *web*, a fim de facilitar a recuperação da informação. A folksonomia não tem princípio hierárquico, nem associativo, e está relacionada a como as pessoas enxergam e apreendem o mundo, estabelecendo o seu “recorte de realidade” para um determinado contexto, usando para isso rótulos que sintetizam sua ideia sobre determinado assunto (BRANDT, MEDEIROS, 2010 apud SIQUEIRA, 2012, p. 135).

A presente pesquisa situa-se na área da Ciência da Informação na medida em que estuda a folksonomia como estratégia de recuperação de determinada informação fotográfica disponibilizada na internet. As fotos disponibilizadas referem-se a um pequeno recorte do acervo fotográfico da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG, adotada como *case*. E é importante destacar que o uso da folksonomia relacionada à recuperação da informação fotográfica constitui-se num campo de investigação ainda incipiente.

A proposição apresentada pela pesquisa, portanto, nos remete necessariamente ao mundo *web*, particularmente quanto às aplicações da *web 2.0*, no contexto do qual a folksonomia passou a ser possível, assim como exige reflexões sobre as relações entre a Ciência da Informação e Arquivologia, uma vez que, ao optar pela atenção a um pequeno fragmento do acervo fotográfico de uma entidade sindical, traz a tona o tema da geração de versões digitais dos documentos

fotográficos de acervos institucionais, questão está que será abordada apenas em traços gerais, pois não se constitui no foco principal desta investigação.

Em termos de estrutura, a pesquisa está organizada da seguinte forma, em correspondência ao desenvolvimento do tema. O primeiro capítulo, denominado **Introdução**, traz a definição do problema da pesquisa, seus objetivos, bem como sua motivação e justificativa.

O Capítulo 2, intitulado **Revisão da Literatura**, busca registrar o estado atual do conhecimento sobre o tema, a partir de uma visão panorâmica, com foco na forma como vem sendo abordado nos periódicos especializados e também no contexto dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

O Capítulo 3: **Fundamentação teórica**, deriva sua razão de ser e seu conteúdo da necessidade de apresentar o escopo das definições usadas para o desenvolvimento desta pesquisa, incluindo-se nesse contexto também a presença de análises, reflexões e ideias às quais o objeto está direta ou indiretamente atrelado, sendo considerado indispensável, a partir da noção de contextualização teórica, para a compreensão plena do que está se buscando responder. E nesse sentido, constitui o escopo teórico desta investigação uma abordagem sobre a área da Ciência da Informação, desdobrando-se numa reflexão sobre a organização e a recuperação da informação, linguagens documentárias e ontologias; uma discussão sobre a evolução da *web*; uma definição sobre *web* semântica; uma imersão conceitual no terreno da folksonomia.

Acervos fotográficos institucionais na Web: novas possibilidades, foi a denominação atribuída ao Capítulo 4. Busca demonstrar como acervos fotográficos institucionais vêm utilizando a *web*, particularmente por meio da plataforma *Flickr* e de *Weblogs*, para disponibilizar suas coleções a um público mais amplo, e não somente para especialistas, ao mesmo tempo que visa explorar as vantagens da “inteligência das multidões” por meio de processos folksonômicos.

No Capítulo 5, apresenta e caracteriza, de forma contextualizada, a trajetória da CONTAG no contexto do movimento sindical brasileiro, e nesse quadro,

desenvolve uma explanação explicativa sobre a Marcha das Margaridas. Esta seção intitula-se: **Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura: História e Produção Documental**.

O Capítulo 6, intitulado **Metodologia**, tem a função de descrever as estratégias metodológicas adotadas na pesquisa, apresentando-a na perspectiva do delineamento, de cunho exploratório, inserida na dimensão de pesquisa qualitativa e enveredando pelo estudo de caso, numa conjugação de procedimentos.

Folksonomia aplicada ao acervo fotográfico da CONTAG, com foco na Coleção Marcha das Margaridas: perspectivas e desafios é a chamada do Capítulo 7. Nessa seção, o esforço da pesquisa está centrado na análise do processo de atribuição de palavras-chave a um conjunto de 20 fotografias relacionadas à Marcha das Margaridas.

A síntese dos resultados alcançados com a pesquisa é apresentada no Capítulo 8: **Resultados**.

As Considerações Finais e Sugestões para pesquisas futuras são apresentadas no Capítulo 9. Segue uma seção de apêndice que disponibiliza o questionário do tipo *Survey Monkey* que foi utilizado como instrumento de levantamento de dados. O trabalho fecha com uma seção de anexos, na qual se apresenta o conjunto das fotografias analisadas na pesquisa.

Antes de encerrar esta introdução, se faz necessária uma explicação. O tema da folksonomia e sua relação com o ambiente *web* remete, necessariamente, a um vocabulário de neologismos e estrangeirismos, que são adotados no contexto deste trabalho na forma recorrente como aparece na literatura, destacados pelo recurso da marcação com o *itálico*.

1.1 PROBLEMA

No contexto do corpo organizado de conhecimentos e competências que define a Ciência da Informação, a organização e a recuperação da informação corresponde, certamente, ao seu eixo identitário. O problema que propõe, “a tarefa massiva de tornar mais acessível um acervo crescente de conhecimento” (SARACEVIC, 1996, p. 60), continua sendo um desafio. A busca e a reflexão em torno de estratégias, recursos e métodos para a representação e recuperação do conhecimento gerado são permanentes.

O aumento significativo de conteúdos informacionais que a sociedade contemporânea produz e que avança em uma velocidade muito maior do que a nossa capacidade de processá-lo e organizá-lo, agrava-se com o crescente processo de popularização da internet, e de todo o instrumental de geração de conhecimento que emerge a partir das redes sociais.

Nesse cenário, os instrumentais metodológicos de representação temática (Classificação Decimal de Dewey, Classificação Decimal Universal; a Classificação Facetada, Vocabulários Controlados etc.) e os demais métodos que deles, direta ou indiretamente decorrem, são insuficientes, em termos de aporte, para a organização e recuperação dos conhecimentos gerados pelas novas tecnologias de informação e comunicação.

Se, por um lado, os avanços das tecnologias vêm gerando uma ampliação do campo informacional e, por decorrência, complexificando-o, dessas mesmas tecnologias, por outro lado, emergem novas ferramentas com “potencial” para aperfeiçoar a representação e a recuperação das informações. E essa é a expectativa em relação à folksonomia.

Entendida como categorização espontânea de recursos da *web*, a folksonomia particulariza-se porque é realizada em cooperação por um grupo de pessoas. Na literatura especializada, é recorrente o argumento de que essa forma colaborativa de classificação de informações, cujo potencial ainda está sendo

explorado, cresce de forma acelerada, sugerindo mesmo uma revolução “dentro da própria revolução que a internet representa” (DEDA, 2005).¹

A abordagem tradicional para o desenvolvimento de taxonomias, que é realizada por um profissional especializado, assenta-se em estruturas rígidas de controle terminológico, na qual a informação assume uma única posição no âmbito de uma linguagem artificial. Pela perspectiva da folksonomia, o linguajar natural da comunidade de usuários assume um papel central na organização das informações armazenadas, viabilizando a classificação da informação por meio de palavras-chave (também conhecidas como tags ou marcadores) atribuídas para etiquetar suas buscas na internet.

Atribuir etiquetas aos recursos da *web* corresponde, portanto, a indexação livre em linguagem natural. Segundo Catarino e Batista (2007)², os conteúdos são indexados livremente pelos usuários do recurso, podendo representar assuntos ou quaisquer outros elementos de metadados tais como tipo ou formato.

Enquanto tipo de solução que considera a colaboração dos usuários, a folksonomia vem sendo utilizada em *web sites* que oferecem serviços, em portais de *e-commerce* e igualmente em *sites* corporativos.

Esta estratégia de etiquetagem, entretanto, nasce e segue envolta em polêmicas, justamente pela circunstância que a caracteriza, a da classificação livre com etiquetas atribuídas pelos usuários.

Mas o fato é que os projetos que adotam a folksonomia estão se proliferando. Como observa Frederick Van Amstel (2007)³, “(...) os profissionais da área estão se perguntando menos se folksonomia é boa ou má, mas sim em que situação é adequada (...)”.

¹ Disponível em : <http://www.parana-online.com.br/editoria/pais/news/125106/>. Acesso em: 18 de jul de 2011.

² Disponível em: http://www.dgz.org.br/jun07/Art_04.htm. Acesso em: 20 de dez. de 2011

³ Disponível em : http://www.usabilidoido.com.br/folksonomia_vocabulario_descontrolado_anarquitectura_da_informacao_ou_samba_do_crioulo_doido.html. Acesso em: 30 de out. 2011.

A folksonomia vem ocupando espaço no campo da pesquisa, principalmente quanto a sua aplicabilidade. São muitas as possibilidades. No quadro dessas possibilidades, a organização e recuperação da informação relacionada a acervos fotográficos representa um campo a ser explorado.

E é neste ponto que esta pesquisa ganha forma. Trata-se de uma investigação que busca, a partir de uma experiência de preservação das informações e da memória institucional, estudar a potencialidade do uso da folksonomia no processo de recuperação da informação fotográfica proveniente de uma entidade sindical, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG).

Ainda no bojo desta investigação, também busca-se apontar as possibilidades que este recurso pode proporcionar à descrição das imagens, estratégia esta importante para a recuperação da informação relativa à memória da entidade.

A escolha da CONTAG como case não é fortuita. Decorre do nosso envolvimento, desde 2008, com o processo de preservação da memória institucional da entidade.

1.2 QUESTÃO DE PESQUISA

A situação-problema da pesquisa está delineada nos seguintes termos: o uso da folksonomia é capaz de contribuir no processo de recuperação da informação fotográfica proveniente de um acervo temático, particularmente o sindical?

1.3 OBJETIVOS

A questão mais geral da pesquisa informa a constituição do quadro dos objetivos. A partir da situação-problema, portanto, busca-se:

1.3.1 Objetivo Geral

Verificar se a folksonomia constitui-se numa estratégia capaz de viabilizar o aprimoramento da organização do acervo fotográfico da CONTAG, facilitando o acesso à recuperação da informação.

1.3.2 Objetivos específicos

1 - Analisar em que medida pode ocorrer a colaboração participativa a partir do chamamento a militantes, dirigentes e simpatizantes, entre outros atores, no processo de geração da folksonomia com vista à recuperação da informação do mencionado acervo fotográfico e, por decorrência, na construção coletiva do conhecimento sobre a memória da entidade;

2 - Analisar quais são os impactos da folksonomia viabilizada pelo uso da plataforma de compartilhamento denominada *Flickr* e pelo estímulo direto ao grupo de interesse, no processo de atribuição de palavras-chave e na recuperação da informação do acervo fotográfico.

3 - Compreender como a *web* colaborativa pode contribuir no processo de preservação e proteção do patrimônio fotográfico vinculado a experiência sindical rural no Brasil.

1.4 JUSTIFICATIVA

O debate e as pesquisas em torno do tema da folksonomia vêm se ampliando sistematicamente na área da Ciência da Informação, alimentando muitos ensaios, artigos e constituindo-se em objeto de pesquisa de mestrado e doutorado mundo afora, circunstância que se repete no Brasil. E as especulações sobre a questão vão se construindo em diferentes direções.

Apesar desta profusão de trabalhos que estão surgindo, uma observação de F. Van Amstel, já mencionada linhas acima, ganha relevância, porque aponta a

necessidade de se construir uma compreensão clara sobre em que situação a folksonomia é adequada. E este ponto de vista é reforçado quando a professora e pesquisadora Marisa Bräscher Basílio de Medeiros, da UFSC, em recente palestra proferida no *4º Seminário sobre Informação na Internet*, realizado em novembro de 2012, em Brasília, argumenta que as discussões sobre o assunto deixarão de ser recorrentes em termos de argumentos, quando os estudos sobre a aplicabilidade da folksonomia avançarem.

Embora seja claramente um fenômeno popular, ainda não são totalmente aparentes quais benefícios em potencial pode advir desse tipo de abordagem.

Os argumentos de Van Amstel e Bräscher ajudam, portanto, na construção da justificativa e oportunidade desta pesquisa, uma vez que foca o uso da folksonomia no processo de etiquetagem de fotografias, neste caso, oriundas do acervo de uma instituição sindical. Com esses contornos, as referências bibliográficas são escassas. E nesse sentido, há que se considerar, na proposição de investigação aqui apresentada, um relativo grau de complexidade quanto ao objeto e que, por essa razão, deva ser tomado como uma incursão exploratória.

Há, portanto, sob o ponto de vista epistemológico, um argumento consistente que justifica a presente pesquisa.

De outra maneira, também é possível apontar argumentos relacionados a trajetória profissional da pesquisadora, que igualmente remete a oportunidade da investigação.

Uma primeira experiência, ao participar dos trabalhos de qualificação dos processos de organização e recuperação da informação no âmbito do Portal SEBRAE, viabilizou o primeiro envolvimento com a discussão que reuniu Vocabulários Controlados e o uso de técnicas de personalização de busca na geração de uma arquitetura de informação e gestão de conteúdos inovadores. Essa experiência, portanto, de aproximação ao tema folksonomia, foi importante para a demarcação do campo da futura pesquisa, além de oferecer alguns subsídios iniciais.

A segunda está diretamente relacionada ao desenvolvimento de experiência profissional, como prestadora de serviços especializados, a partir de 2008, à Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, no contexto da concepção e implantação, mesmo que parcialmente, do projeto “Organização e Gestão do Acervo Bibliográfico e Documental e da Memória Institucional da CONTAG”, que viabilizou o acesso ao núcleo documental fotográfico da entidade e, portanto, a oportunidade transformada em case nesta pesquisa.

As duas experiências favorecem algumas referências iniciais e condições objetivas à própria pesquisa, constituindo-se igualmente em justificativas quanto sua dimensão social.

2 REVISÃO DA LITERATURA

No contexto de uma investigação, a revisão de literatura, segundo Castro (2001, p.76) tem por finalidade a realização de um mapeamento teórico do estado atual de conhecimento sobre o tema, estratégia esta que, ao ser concluída, também deve ser capaz de informar ao pesquisador a oportunidade da sua realização, no sentido de constituir-se numa contribuição à área, para além do fato concreto de proporcionar uma visão, mesmo que panorâmica, sobre a produção acadêmica em torno do tema, envolvendo a sua apropriação no contexto dos programas de graduação e pós-graduação, o acolhimento por periódicos especializados e a discussão em outros âmbitos por onde circulam e se manifestam os estudiosos em Ciência da Informação.

E esta tarefa foi realizada, mesmo que de forma amostral, pois é recorrente as dificuldades de realização de uma revisão que abarque a totalidade, uma vez que, idealmente, exige, além do conhecimento técnico, um tempo considerável na localização das informações, nem sempre disponível no *time* de realização do mestrado.

Algumas constatações foram emergindo na realização dessa tarefa.

A folksonomia, apresentando-se diferentemente dos métodos tradicionais de classificação, adquire, a partir de 2004, status de tendência e, como tal, tem mobilizado usuários, vem gerando inúmeros artigos científicos divulgados por meio de publicações especializadas, influenciando grandes corporações, transformando-se em tema de pesquisas de mestrado e doutorado.

Na literatura especializada, conforme se observa pelo artigo de Catarino e Baptista (2007), é possível encontrar tipos variados de abordagens referentes à folksonomia, desde a simples descrição da ferramenta, até o seu impacto no modo de comunicar e recuperar objetos digitais, às vezes até mesmo formando redes sociais.

A revisão realizada verificou a folksonomia sendo abordada como tema de trabalhos de conclusão de curso, fonte de discussão em meios digitais, assunto de

artigos publicados nos principais periódicos especializados em Ciência da Informação no país.

No levantamento de artigos de periódicos da área disponibilizados na Base Referencial de Revistas da área da Ciência da Informação (BRAPCI), produzidos entre 2007 a 2012, o termo aparece em 17 artigos como palavra-chave, ou seja, considerado pelos autores um dos termos centrais da sua pesquisa. Anteriormente a 2007, o termo não aparece em revistas da área, no Brasil. (SIQUEIRA, 2012, p.137).

Mas a folksonomia também emerge como tema abordado em periódicos correlatos, e também igualmente em outros não correlatos, com é o caso do interessantíssimo artigo veiculado na *Revista TRADTERM*, periódico do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia da Universidade de São Paulo, que no volume 20, de dezembro de 2012, publica *A noção de folksonomia: uma abordagem terminológica*, de Jéssica Câmara Siqueira, onde mostra a partir do trabalho terminográfico de análise e síntese deste neologismo, como o desenvolvimento técnico-científico e as constantes mudanças conjunturais afetam o domínio da Ciência da Informação, evidenciando a afluência de diferentes perspectivas terminológicas na constituição da sua designação. E este artigo acabou tornando-se mesmo uma referência no momento de apresentação e discussão da fundamentação teórica desta pesquisa, e de forma conclusiva, pode-se dizer.

Outra observação interessante e que evidencia a abrangência e interesse em torno do fenômeno, é a sua apropriação enquanto tema de pesquisa em programas de pós-graduação nas áreas de computação, engenharia de *software*, linguística, matemática, entre outras.

A seção de referência bibliográfica da dissertação é reflexo desta revisão e expressa, pela presença do tema em diferentes veículos e instâncias, a proliferação do debate e da discussão.

No processo de revisão, a produção proveniente dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação apresenta-se como um indicador importante. E foi uma das fontes mais recorrentes para esta pesquisa. Assim, foram selecionados,

pelo critério de pertinência e aproximação com o tema desta pesquisa, alguns trabalhos de mestrado e/ou doutorado, de diferentes instituições, que merecem registro e publicização pela referência em que acabaram se constituindo no desenvolvimento da investigação.

No Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, André Augusto de Abreu Rodrigues desenvolveu a dissertação intitulada *Folksonomia: análise de etiquetagem de imagens no Flickr*.

Com a pesquisa, o autor buscou alargar a compreensão sobre como o usuário do *Flickr*, ferramenta de armazenamento de imagens fotográficas, vem utilizando a folksonomia e se aproveitando da oportunidade de indexar o conteúdo que disponibiliza. Considerando a complexidade de indexação em torno de imagens em função do seu aspecto polissêmico, o pesquisador utiliza-se de métodos interdisciplinares para construir um percurso metodológico que viabilizasse uma forma de análise e classificação da atividade do usuário baseada na adaptação dos estudos de Panofsky (1979), com seus níveis de interpretação, juntamente com os métodos e processo de leitura e indexação de imagens propostos por Smit (1996). E como um dos resultados, a pesquisa propõe um método de análise de etiquetagem de imagens.

Sob o título *Folksonomia como estratégia de indexação dos bibliotecários no Del.icio.us.*, Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento elaborou, na Universidade Federal da Paraíba, a sua dissertação de mestrado.

O foco do estudo está relacionado com a análise das estratégias de indexação dos bibliotecários brasileiros dentro do contexto colaborativo da *web 2.0*, buscando verificar as diferenças e semelhanças de seus conteúdos na rede mundial de computadores durante a indexação.

A pesquisadora apresenta como conclusão a ideia de que, em função da liberdade de adaptação permitida no *Del.icio.us*, os bibliotecários se apropriam da folksonomia para criar *tags* que descrevam melhor seus bookmarks e a relação emocional fica representada nas *tags*, definidas também em função do envolvimento

com o contexto. Ressalta ainda que mesmo fazendo uso de instrumentos de biblioteconomia, os problemas de indexação como polissemia, sinônimos, plural e profundidade têm um alto índice de representatividade nas tags dos bibliotecários, destacando-se o uso das *Tags Egoístas* e *Tags Amigáveis*. E a autora sintetiza as suas conclusões na perspectiva de que o estudo da folksonomia não é só uma estratégia de indexação de informações, mas apresenta-se também como uma estratégia de identidade cultural.

Representação Interativa: um modelo para repositórios digitais é o título da tese de doutorado que José Eduardo Santarem Segundo apresentou, em 2010, ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade estadual Paulista, UNESP – Campus de Marília.

O autor desenvolveu sua pesquisa com o objetivo de melhorar o processo de recuperação da informação, apresentando uma proposta de modelo de Web Semântica, abordando o uso de recursos de *web 2.0* e *web 3.0*, permitindo, respectivamente, interatividade e estrutura de informação semântica.

A realização do trabalho exigiu uma incursão no tema da recuperação da informação, uma abordagem sobre as funcionalidades e recursos tecnológicos para a *World Wide Web*, no contexto da qual se destaca uma discussão sobre a folksonomia, e também sobre ontologias na dimensão de conceitos, linguagens e ferramentas.

Uma outra referência importante no desenvolvimento desta pesquisa foi a dissertação de mestrado de Mariana Baptista Brandt, *Etiquetagem e folksonomia: uma análise sob a óptica dos processos de organização e recuperação da informação na web*, defendida em 2009 no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade de Brasília.

No trabalho, a pesquisadora buscou avaliar se a folksonomia seria uma alternativa válida para a organização e recuperação da informação na web, analisando a etiquetagem como forma de indexação colaborativa e a folksonomia sob o prisma das abordagens em organização do conhecimento; investigando a

motivação que leva os usuários a etiquetagem dos recursos da web e apresentando um panorama dos principais serviços de informação que utilizam etiquetagem e folksonomia, intentando identificar as suas principais características.

Como conclusão, a autora aponta para o fato de que, “apesar de algumas limitações, a etiquetagem e a folksonomia possuem características suficientes para que sejam consideradas como modelo válido para a organização e recuperação da informação na *web*, com maior ou menor grau potencial, dependendo da natureza do sítio em que se insere e do objeto informacional com que se relaciona” (BRANDT, 2009, p. 124).

Mariana Brandt afirma que em “áreas mais específicas como a indexação de imagens e de obras de ficção, fica clara a utilidade da etiquetagem – mesmo os processos tradicionais de indexação desses recursos apontam a necessidade da presença do usuário para a sua realização” (BRANDT, 2009, p. 123).

Ainda no contexto da conclusão, a autora vai tecendo uma argumentação que remete e mesmo justifica o objeto da pesquisa ora apresentada, uma vez que argumenta que o modelo de etiquetagem e folksonomia para organização e recuperação da informação na *web* é aplicável “em diferentes contextos e para diferentes tipos de objeto informacional”, corroborando, a rigor, o que já estava previsto na definição de Wal para folksonomia, quando apresenta a perspectiva de que os objetos etiquetados podem ser “qualquer coisa com URL” (BRANDT, 2009, p. 124).

No que se refere à imagem, como no caso das fotografias, Brandt fala da necessidade de lançar mão de metadados no processo de indexação, mas reconhece que pesquisas sobre o assunto precisam ser mais constantes.

O resultado que obtemos do processo de revisão da literatura realizado é de que no âmbito da Ciência da Informação, o tema da folksonomia vem se constituindo num campo de investigação, muita discussão e produção vêm sendo gerados, mas ainda merece muita atenção e novas pesquisas, principalmente se considerarmos a gama variada de usos em que está envolvida e as implicações que daí decorrem.

Um consenso que emerge em muitos textos e pesquisas é de que a folksonomia constitui-se num fenômeno atual suscitado no contexto do complexo problema da recuperação da informação em grande escala e de forma precisa, que é algo que está longe de ser solucionado.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A Ciência da Informação é a área do conhecimento que resulta da chamada explosão documental que tem lugar no século XX e do seu desdobramento consequente, a especialização do saber.

Considerada de caráter eminentemente interdisciplinar, fortemente marcada pela relação com a Biblioteconomia e com a Ciência da Computação, a Ciência da Informação tem por objeto o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese e efeitos), buscando foco nos fluxos e uso das informações (TARAPANOFF, 2006, p.32). Ainda segundo esta mesma autora, por ser uma ciência aplicada, têm a possibilidade de ser utilizada nos mais diversos contextos organizacionais, sociais e individuais. Mas ela também possui uma dimensão social, pois preocupa-se com o estudo da comunicação da informação na sociedade, procurando facilitar o processo de transferência da informação, contribuindo assim para a construção da cidadania.

As suas principais características, que são: a) interdisciplinaridade; b) ligação com a tecnologia da informação e; c) participação ativa na evolução da sociedade da informação constituem-se, igualmente, nos seus principais temas de problematização.

Investigar propriedades, comportamentos e forças que governam o fluxo da informação são propostas que se adequam às práticas de tratamento da informação que possam surgir a qualquer momento. No contexto da sociedade contemporânea, em função do surgimento da *web*, já consolidada como meio de comunicação e que se expande vertiginosamente, abrangendo cada vez mais diferentes tipos de usuários e formas de aplicação, a Ciência da Informação enfrenta o desafio de transformar a massa de dados disponíveis e que são multiplicados diariamente (todo o instrumental gerativo de conhecimento originado a partir dela, *Blogs, Newsletters, Fóruns de Discussão*, além do material gerado com a transferência dos suportes

informacionais físicos, como livros, enciclopédias, revistas, etc.) em informações consistentes para recuperação e uso.

Como área do conhecimento que se consolida e legitima sob a atualidade dos fatos que envolvem a informação, explosão quantitativa e implosão do tempo para sua comunicação, segundo Le Coadic (2004, p.7), a Ciência da Informação busca métodos eficazes de disseminação, organização, recuperação e compartilhamento de informações e conhecimento.

Hoje, com a disponibilização virtual cada vez maior de conteúdos, esta busca também se dá na relação com o admirável mundo da internet, em ambientes virtuais. E a folksonomia, como estratégia de organização e recuperação de informação nesse cenário, mais especificamente no âmbito da *web 2.0*, emerge como prática e conceito de interesse, naturalmente, da Ciência da Informação.

Esta investigação, delineada pelo estudo exploratório do uso da folksonomia articulado ao processo de organização e recuperação de registros fotográficos insere-se, portanto, no contexto das preocupações e problematizações que se desenvolvem no campo da Ciência da Informação. Justifica-se: - a investigação pauta-se por um conceito emergente e de interesse crescente da área; - no recorte proposto, articula a reflexão sobre o fluxo e uso da informação, atentando para a produção e comunicação da informação com o envolvimento de atores sociais usuários da internet; - apresenta um viés interdisciplinar, pois envolve parte das disciplinas que compõe a Ciência da Informação (Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Computação).

No atual contexto de proliferação de conteúdos informacionais, uma questão acaba se impondo: os instrumentais metodológicos de representação temática ainda utilizados, conseguem adequar-se às novas exigências de representação dos conhecimentos gerados pelas novas tecnologias de informação e de comunicação? A resposta é não. Não obstante, “essas mesmas tecnologias têm-nos trazido também novos métodos para aperfeiçoar a representação e recuperação das informações. (SANTANA, 2010, p. 35).

Nos termos em que está apresentado, o trabalho também ressalta, ainda relacionado ao campo da Ciência da Informação, outros dos seus componentes constitutivos e que são indissociáveis na construção coerente do fio lógico da fundamentação, atrelando-a ao objeto ora investigado. É o que será apresentado a seguir.

3.1.1 Organização e recuperação da informação: eixos estruturantes da Ciência da Informação

Parece não restar dúvidas de que a organização da informação e a recuperação da informação são dois eixos estruturantes da Ciência da Informação e igualmente questões que são amplamente exploradas no contexto da sociedade da informação que se conecta e vive na esteira *da World Wide Web*.

Como questões centrais na Ciência da Informação, os conceitos de organização e recuperação da informação permeiam, por decorrência, esta pesquisa, requerendo assim a explicitação da definição adotada no contexto deste trabalho.

A revisão de literatura evidencia que os dois conceitos são abordados recorrentemente, por vezes, quanto a um ou outro aspecto, sem consenso. Revisitou-se Dahlberg (2006), Hjørland (2007c), Taylor (2003), Vickery (1986), Bräscher e Café (2008), Saracevic (1996), Baeza Yates e Ribeiro-Neto (1999), principalmente, e a partir da discussão estabelecida, adotou-se conceitos que chamamos de referencial para o âmbito desta investigação.

A noção de organização da informação aparece contextualizada numa relação ao que é organizado, o que para Taylor (2003) trata-se de “objetos informacionais” (unidades de informação organizável), ou seja, um determinado domínio do conhecimento. Assim, pode-se organizar a informação, ou os objetos informacionais produzidos num determinado domínio, sendo necessário, para tanto, a elaboração de sistemas (ou esquemas) de organização, ou representação do conhecimento. (BRANDT, 2009, p. 50).

Sem avançar na descrição dos dissensos conceituais que giram em torno desta questão, sobre o tema da organização do conhecimento, esta pesquisa adota a perspectiva desenvolvida por Brascher e Café (2008):

A organização da informação é, portanto, um processo que envolve a descrição física e de conteúdos dos objetos informacionais. O produto desse processo descritivo é a **representação da informação**, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico. (BRASCHER e CAFÉ, 2008, p. 12).

Quanto à recuperação da informação, é entendimento corrente o lugar de destaque que vem ocupando na ciência da Informação ao longo dos últimos anos, principalmente considerando o fato de que se apresenta como a mediadora na busca pela informação demandada pelo usuário.

Ao tratar da questão que envolve a recuperação da informação, problematiza-se o contexto do uso da informação, mas igualmente, mesmo que de forma indireta, lida com as variáveis da representação, armazenamento, descrição, organização, preservação e acesso à informação.

É Saracevic (1996) que dimensiona, com precisão descritiva, o lugar da recuperação da informação:

o trabalho com a recuperação da informação foi responsável pelo desenvolvimento de inúmeras aplicações bem sucedidas (produtos, sistemas, redes, serviços). Mas, também, foi o responsável por duas outras coisas: primeiro, pelo desenvolvimento da CI como um campo onde se interpenetram os componentes científicos e profissionais. Certamente, a recuperação da informação não foi a única responsável pelo desenvolvimento da CI, mas pode ser considerada como principal; ao longo do tempo, a CI ultrapassou a recuperação da informação, mas os problemas principais tiveram sua origem aí e ainda constituem seu núcleo, Segundo, a recuperação da informação influenciou a emergência, a forma e a evolução da indústria informacional. Novamente, a recuperação da informação não foi o único fator, mas o principal. Como a CI, a indústria da informação atualmente não é apenas recuperação da informação, mas esta é o seu componente mais importante.(SARACEVIC, 1996, p.45).

Pela atribuição original de significado, dada em 1951, recuperação da informação trata dos aspectos intelectuais da descrição da informação e sua especificação para a busca, e também de qualquer sistema, técnicas ou máquinas que são empregadas para realizar esta operação. (MOOERS, 1951).

Mais a frente, a recuperação da informação passou a ser tratada no contexto de Sistemas de Recuperação da Informação (SRI), modelo que propõe todo o sistema de representação, armazenamento, gestão e recuperação da informação.

Desde a origem do termo, a recuperação da informação é um conceito que estimula o desenvolvimento de recursos técnicos que sejam capazes de buscar sempre o melhor resultado possível para o usuário que procura a informação, tarefa que, contemporaneamente, está não somente nas mãos da Ciência da Informação, mas igualmente na Ciência da Computação.

O advento da web vem mudando a maneira de se pensar a recuperação da informação. Deixa de ser uma área de interesse restrito principalmente para bibliotecários e especialistas em informação e dissemina-se entre os usuários de modernos computadores pessoais, passa de ferramentas de recuperação da informação para aplicações multimídia e de hipertexto.

Como descreve J. E. S. SEGUNDO (2010):

A Ciência da informação apresenta uma visão mais metodológica e tem procurado estruturar os dados e criar métodos e modelos que proporcionem um melhor armazenamento da informação, assim como vem estudando métodos que agreguem semântica à informação, e que conseqüentemente possam ser aplicadas no processo de recuperação. A Ciência da Computação tem procurado atuar na aplicação dos modelos citados, diretamente no desenvolvimento de técnicas computacionais, como algoritmos, que possam viabilizar as metodologias sugeridas e pesquisadas. (SEGUNDO, 2010, p. 26-27).

Nesse contexto de ambiente *web*, os estudos e pesquisas sobre recuperação da informação também devem atentar, necessariamente, para a questão das linguagens documentárias.

3.1.2 Linguagens documentárias

Para uma abordagem mais estruturada acerca das folksonomias, faz-se necessário uma incursão, mesmo que breve, sobre as linguagens documentárias.

As Linguagens Documentárias (LDs) são caracterizadas, basicamente, como linguagens estruturadas e controladas, pelo fato de serem construídas a partir dos significados das palavras constituintes da linguagem natural. São definidas como instrumentos convencionais de uso das unidades de informação para descrição dos conteúdos temáticos dos documentos (GUINCHAT; MENO; 1994, p. 132).

Na literatura que trata do assunto, também são reconhecidas por outras terminologias, sinônimos, na verdade, expressos pelas seguinte terminologias: “linguagens de indexação”, “controladas”, “descritoras” “de informação”, “de descrição da informação”, “de recuperação da informação”, “vocabulários controlados”, “listas de assuntos autorizados”, “codificações documentárias” como “linguagens controladas”, de “indexação” ou de “vocabulários controlados”.

A função das linguagens documentárias é a de representar os assuntos dos documentos no momento da indexação, “traduzindo-os” adequadamente para os termos contidos na linguagem documentária e, por outro lado, atender às solicitações de buscas realizadas pelo usuário no Sistema de Informação.

Na visão de Tálamo (1992, p.19), as linguagens documentárias são, por tradição, consideradas instrumentos de controle terminológico e que atuam na representação da informação obtida pela análise e síntese de textos e na formulação de equações de busca da informação.

O debate sobre as LDs remete necessariamente ao estabelecimento das diferenças que separam os “vocabulários controlados” de “linguagens naturais” no contexto da recuperação da informação. Lancaster (2004) deixa bem demarcada a distinção:

a expressão linguagem natural normalmente se refere às palavras que ocorrem em textos impressos, considerando-se como seu sinônimo a expressão “texto livre”. Nas bases de dados, os campos de título e resumo registram os termos da LN, enquanto os campos descritores, termos de indexação ou identificadores registram os termos de linguagem controlada (LC). Esta, denominada também vocabulário controlado, pode ser definida como um conjunto limitado de termos autorizados para uso na indexação e busca de documentos. (LANCASTER, 2004, p.32)

Ainda nesse âmbito, a terminologia também contribui significativamente na construção de LDs, pois permite identificar, analisar o vocabulário de uma determinada especialidade e, se necessário, criá-lo e normalizá-lo numa situação concreta de funcionamento com o objetivo de responder às necessidades de expressão do usuário. (DUBUC, 1999, p.83).

Tálamo, Lara e Kobashi (1992), afirmam que:

[...] cabe à terminologia, desse modo, operar ao nível sintático-semântico, produzindo terminologias específicas de acordo com o estado-da-arte de cada campo considerado. Tais repertórios ou listas de termos especializados de um domínio particular são acompanhados de definições que remetem o termo ao seu referente [...]. (TALAMO, LARA e KOBASCHI, 1992, p.199).

O surgimento da Ciência da Informação relaciona-se ao próprio desenvolvimento das LDs, sendo que o primeiro método de classificação surge nos meados do século XIX.

No presente, as ontologias despontam como ferramentas poderosas para a organização dos conteúdos digitais e apresentam-se como importantes aliadas para o desenvolvimento das LDs. E por essa condição, merecem atenção especial no contexto deste trabalho.

3.1.3 Ontologias

Ontologia é um conceito que, originário da Filosofia, migra para a Ciência da Informação para ser aplicado ao contexto da recuperação semântica de informações. A polissemia é grande em torno do conceito, entretanto, o conjunto das definições indica uma base comum, “a construção de uma estrutura de relação entre conceitos dentro de um domínio”.

É o que sinaliza, por exemplo, Campos et al. (2007), ao considerar as ontologias como sendo:

[...] um modelo de informações representando um conjunto de conceitos num domínio específico, estruturados e inter-relacionados entre si, de entendimento compartilhado em comum por uma comunidade de usuários. Conceitos são organizados em hierarquias de classes e possuem atributos e relações entre si. Uma ontologia é representada em linguagem “inteligível” por programas ‘agentes de software’ e usada por estes para fazer interferências sobre os conceitos desse domínio. (CAMPOS, 2007, p.2)

A variação conceitual que aparece na definição de Jacob (2003) é pequena:

Ontologias são categorias de coisas que existem ou podem existir em um determinado domínio particular, produzindo um catálogo onde existem as relações entre os tipos e até os subtipos do domínio, provendo um entendimento comum e compartilhado do conhecimento de um domínio que pode ser comunicado entre pessoas e programas de aplicação. (JACOB, 2003, p.19)

Outro especialista, Gruber (1993, p.2), a define como uma “especificação explícita de uma conceituação”. Borst vai apresentá-la como uma “especificação formal de uma conceituação compartilhada” (1997). E conforme evidencia a literatura em Ciência da Informação, os conceitos se multiplicam e entrecruzam. Mas nesse mosaico, pode-se dizer que Novello (2002) apresenta uma definição que cria uma ponte, colocando o termo no contexto da informação e da tecnologia, simultaneamente, indicando que podem assumir um papel decisivo na relação de um ambiente informacional com seus usuários. Não se trata apenas de uma hierarquia de conceitos, argumenta Freitas (2008), mas também diz respeito a um conjunto de relações, restrições, axiomas, instâncias e vocabulários.

Na Ciência da informação, as ontologias estão relacionadas a aquisição de conhecimento. Partindo de dados semiestruturados (informações segmentadas existentes num banco de dados, p.e.), aplica-se métodos, técnicas ou processos automáticos ou semiautomáticos buscando estruturar essas mesmas informações e disponibilizando-as aos usuários.

As ontologias, portanto, conforme descreve J.E.S. SEGUNDO (2010):

[...] fornecem o conhecimento estruturado e uma infraestrutura para integrar bases de conhecimentos, independentes da implementação e constituem uma ferramenta poderosa para suportar a especificação e a implementação de sistemas computacionais de qualquer complexidade. (SEGUNDO, 2010,p.102)

As ontologias igualmente se constituem em recursos para a Web Semântica que, para funcionar, os computadores devem ter acesso a coleções estruturadas de informação e conjuntos de regras que possam usar para conduzir o raciocínio automático.

Pela pertinência, portanto, a *Web Semântica* será objeto de atenção específica numa outra seção.

3.2 A (R)EVOLUÇÃO DA INTERNET: DA WEB 1.0 À 3.0

Nos anos 90 surgiu a *web 1.0*, mais conhecida como a “*web* estática”, pois possuía como característica páginas que não poderiam ser alteradas pelos usuários, pois eram apenas para leitura e não havia interatividade do usuário, fazendo do internauta apenas um leitor. Era entrada em torno de um *top down*, abordagem para o uso da *web* e sua interface com o usuário.

Ao tratar da *web 2.0* é preciso retroceder ao início do século XX, para resgatar o que talvez tenha sido a primeira ideia de rede universal de informações. Naquele momento Paul Otlet concebeu o ideal de uma rede universal e, junto com Henri La Fontaine, deu forma ao projeto do “Mundaneum”, que deveria reunir e catalogar toda a informação disponível. Ainda que a organização centralizada da informação seja oposta à lógica flexível e caótica da Internet, muitos autores consideram Paul Otlet o primeiro a vislumbrar uma rede universal de informações. (MATTELART, 2002, p.15).

É possível dizer que os princípios da *web 2.0* não são novos, mas se manifestam mais fortemente a partir das ferramentas colaborativas, ao viabilizarem maior participação da sociedade no uso e criação da *web*.

Em 2004 surge o conceito da Web 2.0 por intermédio da empresa norte-americana O’Reilly Media, que consiste na interação do internauta com serviços como os *wikis* (exemplo: *Wikipédia*) e aplicações baseadas em redes sociais, que permitiam ao internauta contribuir com conteúdos e interagindo com os *sites*,

envolvendo assim as pessoas nesta nova forma de comunicação. Segundo Flew (2008), em sua 3ª edição da *New Media*, afirma que a diferença entre a web 1.0 e a 2.0:

Move-se de sites pessoais para a agregação de *blogs*, de publicar, para participar, de conteúdo web como resultado do investimento inicial grande para um processo contínuo e interativo, e de sistemas de gerenciamento de conteúdo, para *links* com base na marcação - folksonomia. (FLEW, 2008, p.19).

Ainda dentro desse contexto, o crescimento de *blogs* deve ser levado em consideração, pois sua proposta inicial de ser apenas um diário eletrônico tomou outras proporções, visto que em ambiente 2.0 os *blogs*, além de possuírem conteúdos diversificados, seus criadores extrapolam o espaço com meras notícias e deixam aberto para que as pessoas comentem, compartilhem e façam parte como co-autores dos textos ali dispostos.

O termo 2.0 possui uma conotação de uma nova versão para a *web*, porém ele não se refere à atualização nas suas especificações técnicas, mas a uma mudança na forma como ela é encarada por usuários e desenvolvedores, ou seja, o ambiente de interação e participação que hoje engloba inúmeras linguagens e motivações. A *web* 2.0 também foi denominada de *web* social. Neste espaço a interatividade é o grande atrativo para os usuários, pois permite que estes criem, modifiquem e compartilhem suas informações, além da criação de ambientes próprios através de recursos como os hipertextos.

A *web* 3.0 é considerada a terceira geração da internet. Surgiu por volta de 2007, o termo foi utilizado pelo Jornalista John Markoff, e é caracterizada pela interatividade entre o homem e a máquina. Conhecida como *web* semântica, pretende organizar e utilizar de maneira mais inteligente toda informação já disponível na internet para conectar pessoas. Essa geração prevê que os conteúdos estarão organizados de maneira semântica, personalizados, onde *sites* terão aplicações inteligentes e publicidades baseadas nas pesquisas e comportamentos e, por este motivo, está sendo chamada de “*web* inteligente”. Será uma geração da *Web* baseada em *Web* Semântica, microformatos, pesquisas em linguagem natural, *data mining*, inteligência artificial, *machine learning* e *recommendation* agentes

O quadro abaixo representa a evolução da internet, segundo relatório apresentado pela União Européia em 2009, desde a *web 1.0* até a *web 4.0*.

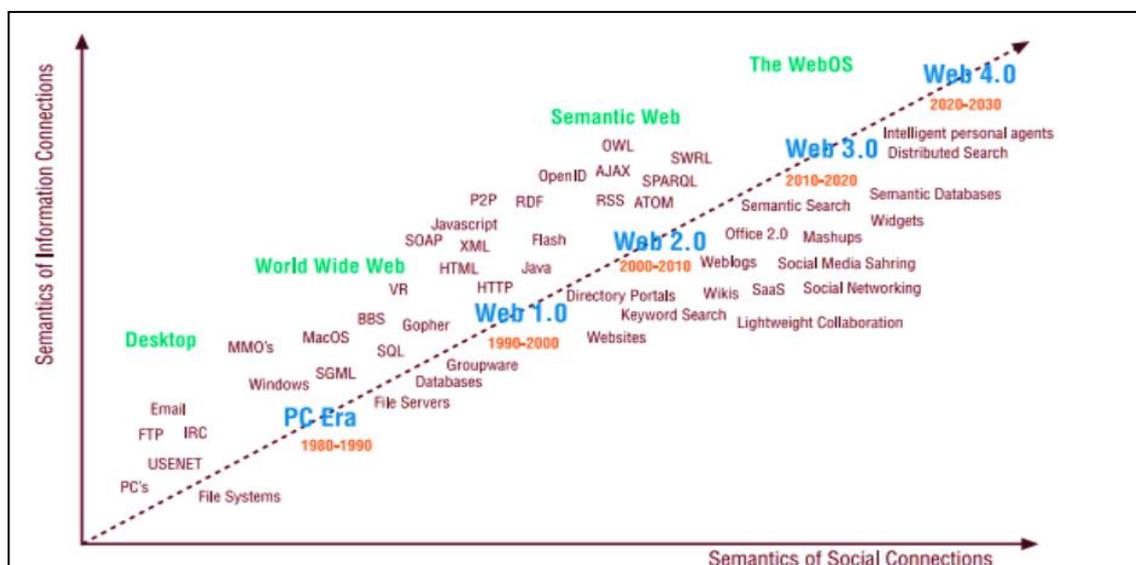


Figura 1: Desenvolvimento da web. Fonte: European Commission (2009).

Nota-se que as principais ferramentas de comunicação da Internet em seu início são o correio eletrônico e as conversas por *Internet Relay Chat* (IRC) por meio de *software* instalados no computador de cada usuário. O uso da Internet era ainda fortemente dependente de *hardware* e *software*. O desenvolvimento da *World Wide Web* por Tim Berners Lee em 1990 foi, segundo Castells (2003, p. 17), “o que permitiu à Internet abarcar o mundo todo” com sua interface gráfica e facilidade de uso.

Para Catarino (2009, p. 45), há muito a ser estudado e desenvolvido nesta nova geração da *Web*: as suas características, tecnologias e inovações. Dentre as diversas evoluções que estão ocorrendo, destaca-se o que pode ser considerado como um novo paradigma para a organização dos conteúdos dos recursos digitais na *Web*: a possibilidade de os próprios utilizadores participarem na organização desses conteúdos é, em especial, uma questão que vale a pena ser investigada. E é neste novo paradigma que surgem as *Folksonomia*.

Os primeiros passos da *folksonomia* foram dados na *web 2.0* e consolidada na *web 3.0*, onde a coletividade, através do uso de palavras-chave ou *tags*, iniciou o

processo de tentar solucionar, ou pelo menos minimizar, os problemas causados na organização e recuperação da informação na internet. Este assunto será melhor desenvolvido ao longo deste trabalho.

3.3 WEB SEMÂNTICA

A temática da *Web Semântica* igualmente será objeto de reflexão, por pertinência ao objeto desta pesquisa. Muitos estudos a tratam como sendo a solução para os problemas de organização e de recuperação dos conteúdos informacionais dispersos na internet.

O termo, associado à terceira geração da *web*, refere-se ao princípio de estruturação do conteúdo das informações a partir de conceitos semânticos, pensado como recurso a ser usado para superar as dificuldades de localização, descrição e recuperação de informações em ambientes *web*.

Trata-se de uma possibilidade que busca melhorar a qualidade na recuperação dos dados, um caminho que visa dispor nos sites tanto informações descritivas e temáticas para os usuários, quanto informações que possam ser processadas e identificadas pelos computadores automaticamente (BERNERS-LEE; LASSILA; HENDLER, 2001, p.10), ou seja, ela permite a interligação dos significados dos termos, atribuindo significados aos conteúdos informacionais existente na *web*, tornando essa informação significativa tanto para interação humana quanto para a máquina.

A *Web Semântica* proporcionará uma estrutura ao significado da página *web*, criando um ambiente propício para que os agentes de busca possam realizar tarefas sofisticadas e entregá-las ao usuário (BERNERS-LEE, LASSILA, HENDLER, 2001, p 15).

O que está em pauta com a *Web Semântica* é a possibilidade de que possa prover uma linguagem capaz de expressar ao mesmo tempo dados e regras, de forma a possibilitar a dedução de novos dados e regras a partir de qualquer sistema

de representação de conhecimento a ser importado ou exportado na *web*. Busca-se a criação de uma nova estrutura de armazenamento de dados, baseada na separação da “apresentação do conteúdo” e do “conteúdo da estrutura”, tratando as unidades atômicas de uma informação como componentes independentes.

Viabilizando-se esta estratégia de separação, a informação poderá ser recuperada de várias maneiras, independente de como seja a busca, bastando que se conheça a estrutura dos dados.

Neste novo contexto, a *web* será capaz de representar associações entre “coisas” que, em princípio, poderiam não estar relacionadas. Para isso computadores necessitam ter acesso a coleções estruturadas de informações (dados e metadados) e de um conjunto de regras de inferência que ajudem no processo de dedução automática.

Para que recursos informacionais sejam recuperados em um sistema de informação, portanto, é preciso utilizar métodos de representação da informação para que ocorra a mediação entre a forma registrada (documento) e o usuário.

Nesse ponto, constata-se que os metadados são fundamentais para localização/recuperação de documentos. Na visão de Grácio (2002, p. 114) metadados podem ser definidos como “conjunto de elementos que descrevem as informações contidas em um recurso, com o objetivo de possibilitar sua busca e recuperação”. E entre esses elementos, pode-se indicar, por exemplo, informações sobre o nome do autor, data de publicação, assunto, entre outros. metadados são utilizados para descrever as características de recursos e seus relacionamentos, buscando reunir informações sobre a descrição de informações.

No imenso conteúdo disponível na *web* a adoção de padrões de metadados poderá ajudar a aprimorar e facilitar a recuperação da informação

3.4 FOLKSONOMIA

Ao criar o termo folksonomia, Thomas Vander Wal considerou a sugestão de Eric Scheld, pesquisador também interessado no fenômeno da categorização de recursos da *web* pelos próprios usuários, que já havia denominado este mesmo processo de *folk classification* (etonoclassificação). Wal aproveitou o primeiro termo, que traduz a noção de “pessoas”, e incluiu outro afixo, “*nomy*”, proveniente da palavra *taxonomy*. O termo surge daí, portanto, peregrinado para a língua portuguesa como folksonomia que, numa tradução literal expressa a seguinte noção: “denominação dada por pessoas”.

Criação terminológica recente, de 2004, busca atribuir significado a este fenômeno colaborativo de participação dos usuários que se dá no contexto da *web 2.0*, ambiente este que se expande e se transmuta rápida e permanentemente. A condição de tendência do fenômeno aliada a um ambiente em constante transformação (o da *web*), assim como considerando as diferentes formas de apropriação pela Ciência da Informação, vai implicar na atribuição ao termo de diferentes nuances de significado, o que se explica por questões de contexto e/ou ideológicas de cada autor, circunstância esta que ficará evidenciada linhas adiante.

Foi numa lista de discussão capitaneada por Vander Wal, que se ouviu pela primeira vez o termo folksonomia, então definida como:

[...] o resultado da atribuição livre e pessoal de etiquetas a informações ou objetos (qualquer coisa com URL), visando à sua recuperação. A atribuição de etiquetas é feita num ambiente social (compartilhado e aberto a outros). A etiquetagem é feita pelo próprio consumidor da informação. (VANDER WAL, 2004).

Atribuir etiquetas aos recursos da *Web* corresponde, portanto, a indexação livre em linguagem natural. O usuário, ao etiquetar determinada informação ou objeto livremente, o faz para o seu próprio uso, ao mesmo tempo que compartilha essa etiquetagem abertamente com outros usuários.

A partir desta apresentação terminológica-conceitual ao mundo, o debate foi aberto entre os especialistas e seguiram-se então os esforços de atribuição de significados e delineamento.

Naquele mesmo ano, Mathes (2004) vai argumentar que a folksonomia é um conjunto de termos que um grupo de usuários utiliza para etiquetar os conteúdos de recursos digitais da *web*. Segundo o autor, a abordagem tradicional para o desenvolvimento de taxonomias, que é realizada por um profissional especializado, assenta-se em estruturas rígidas, que podemos chamar de controle terminológico, na qual a informação assume uma única posição no âmbito de uma linguagem artificial.

Um pouco depois, Trand (2006) vai afirmar que a expressão refere-se ao resultado de um sistema de classificação socialmente construído, ou, coleção de conceitos expressos em um sistema de classificação desenvolvido de forma colaborativa.

Pela perspectiva da folksonomia, o linguajar natural da comunidade de usuários assume um papel central na organização das informações armazenadas, viabilizando a classificação da informação por meio de palavras-chave (também conhecidas como *tags*, etiquetas ou marcadores) atribuídas para etiquetar suas buscas na internet.

Na conceituação que propõe, Rufino (2010) busca agregar novos elementos a conceituação, detalhando e associando outros termos:

Tagging, também conhecida como classificação colaborativa ou, ainda, por folksonomia, do inglês *folksonomy*, é o uso de etiquetas ou palavras-chave para a representação de conteúdos na *web*, sejam imagens, áudios, vídeos, ou páginas *web*. Utilizada para organizar e facilitar a busca de páginas e recursos na internet, permitindo aos usuários criarem termos que melhor dão um significado ao objeto que pretendem classificar, em uma semântica mais clara e objetiva, em que cada usuário *tagueia* seu conteúdo usando critérios de sua preferência, para em seguida, poderem utilizar as *tags* para indexar e procurar o conteúdo classificado. (RUFINO, 2010, p. 34).

A folksonomia se baseia no conceito de *web 2.0*, pois, como esta, é realizada de maneira colaborativa, “funciona através da atribuição de *tags*, pelos próprios usuários da *web*, a arquivos disponibilizados *on-line*. Assim, é o usuário que representa e recupera informações através das *tags* que ele mesmo cria”. (AQUINO, 2008, p. 305).

Os especialistas Golden e Huberman evitam usar o termo folksonomia, pois afirmam que ainda há discussões sobre sua terminologia, bem como divergências sobre seu conceito e preferem utilizar o termo “etiquetagem colaborativa” para se referir ao processo de marcação de itens com etiquetas na *web* (GOLDEN; HUBERMAN, 2005, p.3).

E a discussão sobre a terminologia mais adequada ao fenômeno é recorrente na literatura. Merholz (2004), por exemplo, também não usa a expressão folksonomia. Em seu *site* pessoal escreveu que o termo é impreciso, justamente em função da sua derivação de “taxonomia”, pois esta tende para a hierarquia e ao controle; prefere etnoclassificação. Taylor (2004) também faz menção nos seus textos aos problemas e disputas com o termo “taxonomia”.

Esse sistema de classificação, segundo alguns pesquisadores, vem ganhando força e espaço, principalmente por sua característica de flexibilidade (pois facilita a lida com uma base de informações que cresce muito rapidamente); por viabilizar a identificação de padrões de organização de informação (conceitos compartilhados e de colaboração entre as pessoas); e também pela sua perspectiva colaborativa, possibilitando a cooperação em torno da captura e da organização.

A folksonomia tem alcançado uma gama variada de usos. Pela classificação proposta por Kato e Silva(2010):

A folksonomia vem sendo adotada de forma pura, quando o universo de informação tratado é muito abrangente, o que torna inviável aplicação de sistema de classificação controlados; coexistindo com a taxonomia, no qual o usuário terá a possibilidade de classificar as informações existentes de acordo com as suas preferências individuais; influenciando a taxonomia, utilizada com o objetivo de identificar terminologias e conceitos emergentes, inserindo-se no processo de revisão e manutenção da taxonomia; deixando-se influenciar pela taxonomia, combinação adotada quando o usuário vai inserir uma palavra-chave para classificar o conteúdo e o sistema oferece algumas sugestões de termos provindos de um vocabulário controlado. (KATO e SILVA, 2010, p. 3).

Esta estratégia de etiquetagem nasce e segue envolta em polêmicas, justamente pela circunstância que a caracteriza, a da classificação livre com etiquetas atribuídas pelos usuários, pois ela é cotejada, via de regra, com os sistemas clássicos de categorização e organização da informação, as taxonomias. E

o debate é maniqueísta: de um lado, encontram-se os que acreditam que a classificação livre ganhará cada vez mais espaço, devido à sua consonância com as mudanças que estão em curso na sociedade, no contexto da qual se prolifera os conteúdos digitais, contendo a folksonomia o atributo de estabelecer possibilidades de representação e organização desses conteúdos; do outro, os que argumentam que não passa de um modismo de curta duração, já que não é tão eficiente para a recuperação da informação; pois a estratégia apresenta problemas de precisão na indexação.

No âmbito desse debate, um dos pontos críticos da utilização da folksonomia reside no fato de que a total liberdade dos usuários é considerada tanto a razão de seu sucesso quanto a causa de seus problemas. Segundo esse argumento, ao mesmo tempo que a folksonomia funciona por causa dos seus usuários, suas falhas são também ocasionadas por eles. Assim, o debate vai colocando os argumentos em dois grupos. De um lado, o grupo de autores/pesquisadores que defende a proposta de uma metodologia mais controlada. Do outro, os que advogam que a liberdade deve ser mantida.

Buscando objetividade, principalmente pela impossibilidade de delimitar com exatidão qual dos argumentos se sobressai sem o aprofundamento das pesquisas sobre o assunto, e pela oportunidade no contexto desta pesquisa, elaborou-se uma síntese desses argumentos, disponibilizada a seguir.

A síntese é apresentada na forma de uma tabela, com duas colunas, nomeadas como argumentos “prós” e “contra” quanto a aplicabilidade da folksonomia.

PRÓS	CONTRA
<p>Permitir que o próprio usuário realize o processo de categorização, colocando ordem e sentido nos objetos por meio da atribuição de <i>tags</i>, está a redução de custos de tempo e de investimentos em serviços especializados” (MATHES, 2004)</p>	<p>O uso de um vocabulário não controlado é um dos pontos de conflito na folksonomia” (STERTZ, 2004)</p>
<p>A liberdade de expressão, que possibilita abarcar todas as formas de ver um mesmo conteúdo, respeitando as diferenças culturais, interpretativas, etc. O fato de todos os recursos etiquetados estarem disponíveis na Web e, portanto, acessíveis de qualquer computador que esteja ligado à internet. A possibilidade de criar uma biblioteca de informação sobre artigos e/ou textos acadêmicos, que também estarão acessíveis em qualquer lugar, não sendo necessário copiar pastas de um computador para outro (CATARINO e BATISTA, 2007)</p>	<p>São geralmente ambíguas, excessivamente personalizadas e inexatas, resultando em um conjunto de termos caóticos e incontroláveis que dificultam o processo de busca. Erros de ortografia limitam a decodificação e constituem graves problemas para a recuperação da informação a partir da folksonomia.” (GUY & TONKIN, 2006).</p>
<p>Os usuários da folksonomia criam rapidamente <i>tags</i> em resposta a novos usos, valores e mudanças contextuais para as terminologias dos bens simbólicos”(KROSKIN, 2006)</p>	<p>acreditamos que as folksonomias não foram desenvolvidas com o compromisso de representar os conceitos dos documentos no âmbito de um sistema de informação, mas, simplesmente, como recursos de organização de informações de que o usuário dispõe de acordo com suas conveniências individuais” (STREHL,</p>

	2011).
As <i>tags</i> oferecem novas opções para representar o conhecimento tácito dos usuários através de sistemas de classificação colaborativa” (WELLER, 2007)	A primeira é que ela cria um sistema de organização com muitas inconsistências e ambiguidades. Problemas de polissemia (palavras com muitos significados), sinonímia (múltiplas palavras com o mesmo significado), inflexões (variações de gênero, número e grau da palavra) e erros ortográficos são muito comuns na folksonomia. Além disso também é comum a existência de muitas <i>tags</i> imprecisas ou irrelevantes, o chamado <i>meta noise</i> ” (REIS, 2007).
O fato de a folksonomia ser construída a partir de dados obtidos dos próprios usuários é algo positivo no sentido da garantia do uso, ou seja, o termo usado para representar o documento será o mesmo usado para recuperá-lo posteriormente, por determinado usuário. Neste caso, a garantia de uso do termo na literatura (garantia literária), parece não importar muito, já que a folksonomia é construída a posteriori – não há uma etapa de análise dos documentos do domínio para então se coletar termos e criar posteriormente a base para o sistema de representação, como no caso “dos tesouros, por exemplo.” (BRANDT, 2010)	
A folksonomia tem um baixo custo para categorizar o conteúdo porque não	

<p>envolve profissionais especializados em categorização de conteúdo (arquitetos de informação, bibliotecários, etc). Ela permite que o usuário organize facilmente o conteúdo porque ele não precisa aprender um vocabulário controlado. Na verdade os usuários criam o vocabulário controlado do <i>site</i> e com isso ela reflete muito bem a linguagem dos usuários.” (REIS, 2007)</p>	
---	--

Quadro 1: Prós e Contra no uso da Folksonomia

O delineamento conceitual em torno da folksonomia mostrado até aqui, revela o esforço dos especialistas em significar o fenômeno no contexto da Ciência da Informação, uma vez que o atributo da área está relacionado a organização e recuperação da informação.

A folksonomia se viabiliza num ambiente de web interativa e no contexto de internet onde os recursos informacionais se avolumam num ritmo absurdo; indica também que estando marcada pela ideia de atribuição livre de etiquetas a esses conteúdos, o conceito de folksonomia é problematizado no contexto da discussão sobre taxonomia; aponta para a perspectiva de que, enquanto conceito emergente que se constitui no cenário do desenvolvimento técnico-científico e das constantes mudanças que daí decorrem e que afetam o domínio da Ciência da Informação, o conceito de folksonomia vai se constituindo a partir de diferentes nuances quanto ao seu caráter designativo, ganhando contornos polissêmicos, o que se explica em função dos diferentes contextos em que é utilizado pela área e também pela aderência ideológica de cada autor.

Para demonstrar esta condição polissêmica do termo e mesmo de instabilidade conceitual uma vez que, “emergente” e objeto de muita discussão e pesquisa, ainda não se integrou totalmente à área da Ciência da Informação, buscou-se retratar esta circunstância a partir do artigo escrito por Jéssica Câmara

Siqueira (2012), já mencionado anteriormente, resultado de um estudo terminológico sobre o termo folksonomia.

A autora submeteu a um processo de análise terminológica os diferentes contextos em que o termo é utilizado na Ciência da Informação, tendo utilizado como fonte artigos públicos em periódicos especializados entre 2007 e 2012, num total de 17 trabalhos. A identificação dos contextos foi construída a partir dos traços definicionais, descritivos e funcionais que a área aplicou ao termo.

A análise realizada encontrou uma grande variedade de escolhas designacionais, que a autora justifica em função às questões de cunho ideológico dos respectivos autores que, segundo ela, “mesmo sendo de uma área comum desvelam em seu texto sua perspectiva de encarar a própria área” (SIQUEIRA, 2012). E ela exemplifica a partir de um recorte em dois autores:

Enquanto um opta por colocar como expressão sinonímica de folksonomia como “classificação” ou “categorização social”, claramente uma escolha embasada nos parâmetros mais tradicionais da representação do conhecimento; outro autor opta por “rede de *tags*” ou “rede de produção colaborativa”, evidentemente uma escolha que considera o contexto mais dinâmico e multifacetado da pós-modernidade. (SIQUEIRA, 2012, p. 139).

Como forma de auxiliar na visualização dos principais traços identificados no quadro múltiplo de distinções e diversidade, assim como estabelecer as suas relações, Siqueira elaborou uma síntese na forma de um mapa conceitual, que reproduzimos a seguir.

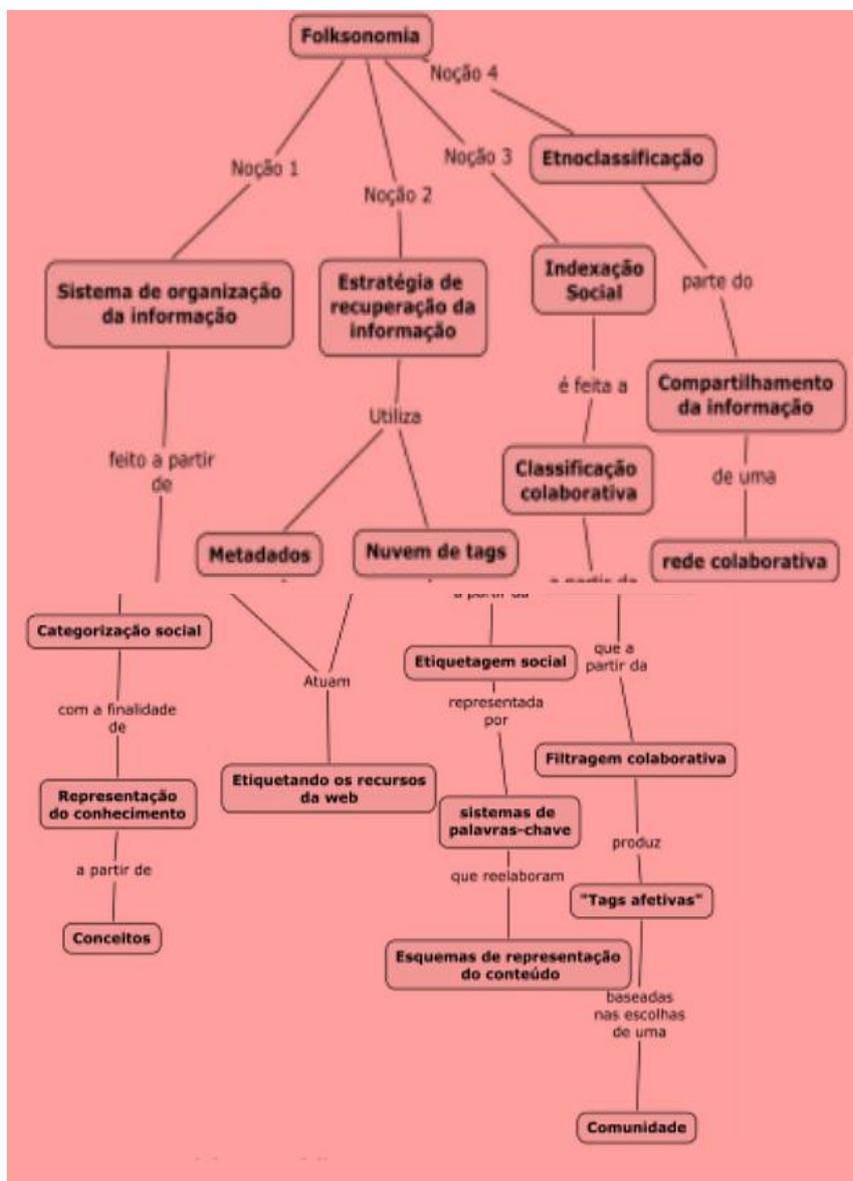


Figura 2: Mapa conceitual do termo Folksonomia. Fonte: Siqueira, J. C. (2012)

Na análise do mapa, Siqueira delimita quatro principais noções do termo folksonomia.

Na primeira, na qual folksonomia é utilizada como sinônimo de “sistema de organização da informação”, observa que os argumentos estão referenciados na fundamentação teórica proposta por Hjørland (2008) sobre organização do conhecimento, e nos estudos de Dalheberg (1992) sobre a teoria do conceito. Nessa perspectiva o conceito assume papel central na organização do conhecimento, pois constitui-se na base para toda a categorização social, que vai de um nível individual até chegar a integração das diferentes visões num sistema.

Uma outra noção observada refere-se a folksonomia como estratégia de recuperação da informação, num viés mais pragmático. Encarada dessa forma, a recuperação da informação como objetivo final do processo é possível no momento em que lança mão das ferramentas disponíveis na web, metadados e as nuvens de *tags*, para a realização da etiquetagem.

A terceira noção está vinculada a uma vertente mais operacional do termo ao definir folksonomia como uma “indexação social ou colaborativa”. Nessa perspectiva, é utilizado como parâmetro o processo de indexação, operação de classificação temática de um assunto, mas não utilizado da forma como classicamente se faz na Ciência da Informação, pois é feita colaborativamente por atribuição de palavras-chave a conteúdos, que terão o papel de representar determinado conteúdo e servir de instrumento para recuperação da informação.

A última noção é aquela que utiliza o termo “etnoclassificação” para explicar o de folksonomia. Nesse caso, segundo a autora, há uma referência mais genérica no que diz respeito à organização do conhecimento, definida apenas como “classificação”, e não como um tipo específico de classificação, a taxonomia. Supõe-se aqui uma aproximação maior ao que ambicionava originalmente o autor do termo, já que as classificações estabelecidas não são formalizadas por padrões hierárquicos ou associativos, como se observa nas categorizações taxonômicas.

Em síntese, a análise proposta por Siqueira constata quatro principais noções

para o conceito de folksonomia: sistema de organização da informação; estratégia de recuperação da informação; indexação social e etnoclassificação. A autora considera que há um entendimento da noção de folksonomia para a área da Ciência da Informação, que é diverso em função de contextos e posturas ideológicas. Considera-o também como proveniente de uma associação histórico-social e de caráter funcional. Os avanços das pesquisas provavelmente não eliminarão as nuances conceituais, mas deverão contribuir significativamente para o entendimento quanto a sua mais efetiva aplicação.

A fundamentação teórica em torno do tema folksonomia está dada portanto, mesmo de forma panorâmica. Resta apontar, nesse cenário, qual a noção que adotamos no contexto desta pesquisa, opção que se faz a partir do critério de pertinência ao objeto de investigação proposto.

No âmbito dessa pesquisa folksonomia é entendida como um processo de classificação realizada pelo próprio usuário de qualquer conteúdo informacional com URL. Refere-se à atribuição de palavras-chave (aquelas que melhor dão um significado ao conteúdo que está sendo classificado) com o objetivo de organizar e facilitar a busca da página na internet.

3.4.1 A utilização da Folksonomia

No ambiente *web* são inúmeros os *softwares* sociais que utilizam folksonomia voltados para diferentes necessidades e perfis dos usuários, todos eles baseados na ideia de fazer pessoas compartilharem itens com *tags* associadas.

Entre os serviços que se utilizam do efeito colaborativo na atribuição de tags que são usadas para organizar e facilitar a busca de páginas e recursos na internet, são recorrentemente citados sites como *Del.ici.ous*, este dedicado ao armazenamento de links favoritos, o *Connotea*, focado nas referências e informações bibliográficas, o *Flickr*, site para armazenamento e compartilhamento de fotos, a *Wikipédia*, enciclopédia eletrônica, o *Youtube*, especializado no

compartilhamento de vídeos, o *Last.fm*, site de armazenamento de músicas, o *Bibsonomy*, bookmarking social para gerenciamento de recursos bibliográficos, e também o *Twitter*, serviço de *micro-blogging*.

No processo folksonômico, as *tags* são atribuídas a um determinado conteúdo, podendo, a partir daí, ser compartilhadas por vários serviços, relacionando o conjunto de conteúdos. Ao serem utilizadas para organizar e facilitar buscas habilitam os usuários a criarem cabeçalhos de assunto que melhor representem o objeto informacional. O processo é claro e objetivo: ao atribuir *tags*, o usuário lançará mão do critério que julgar mais relevante para o momento da busca.

Segundo Silva e Silva apud Santarem Segundo (2010):

Os três pivôs da folksonomia são: o usuário (*tagger*), o objeto e a *tag*. Uma folksonomia tem seu alicerce centrado na *tag*, que é o elemento de classificação para o objeto, dessa forma, uma atenção especial deve ser direcionada ao uso de termos (*tags*) em uma categorização. (SEGUNDO, 2010, p.66)

Ao ser adotada como recurso, a folksonomia gera as condições objetivas para que os usuários da *web* criem *tags* que possam representar, da forma mais adequada, o conteúdo do objeto informacional que estão inserindo na rede, fator este que possui o potencial de garantir uma maior possibilidade de êxito numa busca (recuperação) futura, pelo mesmo usuário ou por outro, desde que procurem informações no ambiente digital em que essas foram inseridas.

Nesse processo, a descrição por meio de palavras-chave (*tags*) visa facilitar o gerenciamento e a recuperação das informações. As palavras-chave podem ser entendidas então como qualquer palavra que define uma relação entre o *recurso on-line* e um conceito na mente do usuário.

3.4.2 A folksonomia aplicada ao contexto das fotografias

No ambiente *web*, é possível encontrar muitos serviços e *sites* que fazem uso da folksonomia para a classificação e organização de conteúdos fotográficos. E em função naturalmente das especificidades atribuídas a essa pesquisa, apresenta-se,

abaixo, algumas dessas possibilidades, selecionadas, de um lado, pela recorrência com que são tomadas como referência na literatura especializada e, por outro, pelo uso operacional desses recursos no contexto deste trabalho.

Flickr

O *Flickr* foi inicialmente desenvolvido em 2002 pela empresa canadense Ludicorp, situada em Vancouver, no Canadá, fundada por Stewart Butterfield e Caterina Falso. Em 2004 a Yahoo adquiriu o flickr e implementou elementos que foram significativos para o aprimoramento das ferramentas de compartilhamento de fotografias, mudanças que passaram a caracterizá-lo como uma rede social, pois sua plataforma inicial não comportava esse tipo de colaboração. Além de compartilhar, o *Flickr* permite que os usuários criem seus próprios álbuns e permite que outros colaborem de maneira intuitiva.

Como em todas as plataformas de redes sociais, o usuário começa por definir um perfil que, de acordo com a própria arquitetura do *site*, é categorizado em três grandes áreas: “*BITS BÁSICOS*”, onde se descrevem o nome, sobrenome, estado civil; e os “*BITS ONLINE*”, onde são definidos o endereço e nome do álbum a ser inserido, além de mencionar o endereço de e-mail que o usuário mais utiliza. No campo “*VIDA OFFLINE*” se descreve a profissão, a cidade natal, o país, etc. É possível definir uma política de privacidade para o perfil nos seguintes aspectos: endereço de correio eletrônico, nome para mensagens instantâneas, cidade, sendo ainda possível ocultar essas informações. O perfil está ainda associado à possibilidade de os usuários externos deixarem comentários, que devem ser autorizados pelo autor da galeria de fotos a fim de serem publicados.

Somente a conta de tipo *Pro* permite a publicação de fotografias sem restrições de quantidade. A coleção pode ser organizada em dois níveis, um mais específico e outro mais genérico. O primeiro nível de organização é o de álbum, podendo cada utilizador defini-lo de acordo com qualquer critério, nomeá-lo e fazer uma descrição em texto livre. Os álbuns podem ser agrupados em coleções, funcionalidade também exclusiva das contas *Pro*, que podem igualmente ser nomeadas e descritas enquanto conjunto.

A organização do Flickr está baseada na classificação das fotografias, através de categorias, isso faz com que pesquisadores e demais usuários, possam se encontrar através de interesses em comum, como lugares, assuntos, viagens, etc.

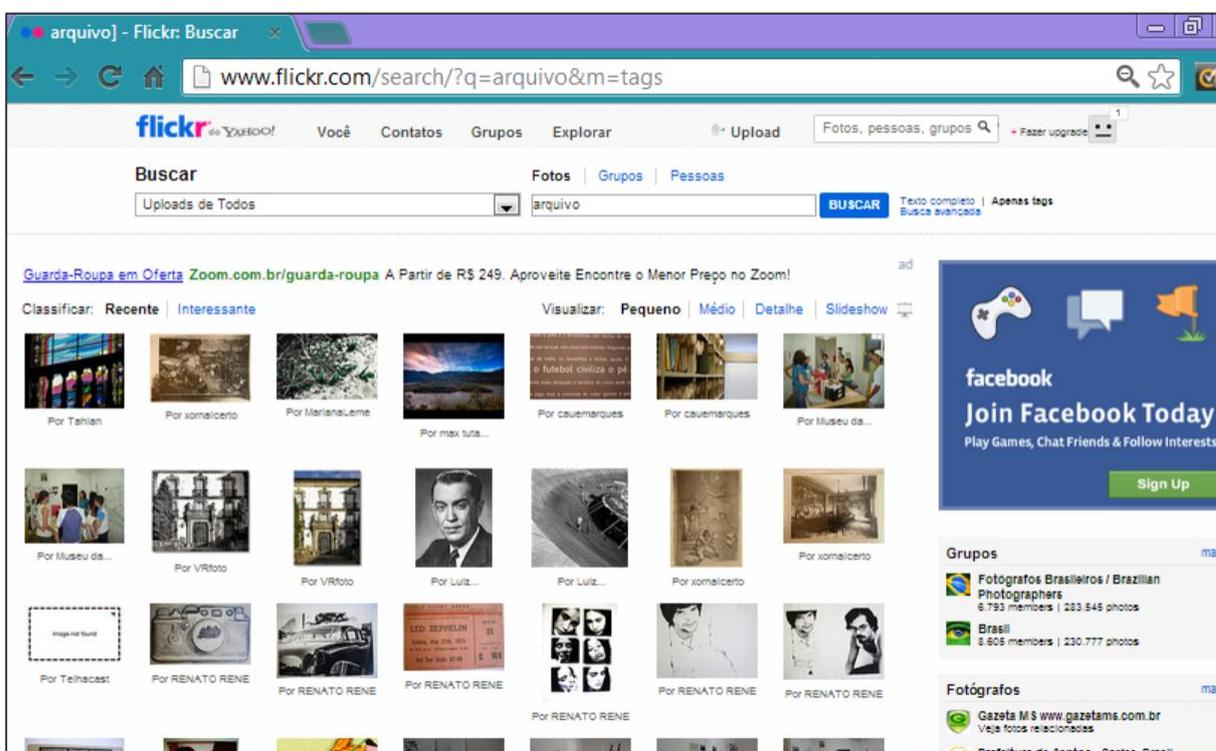


Figura 3: Página inicial do Flickr

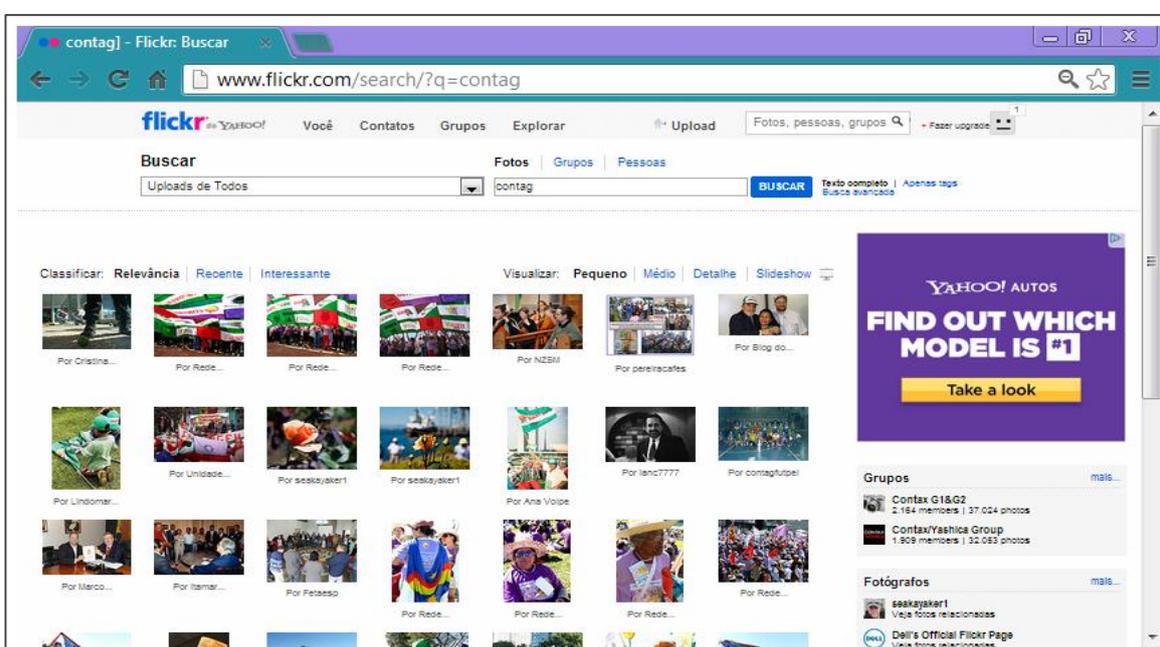


Figura 4: Página de usuário do Flickr

O sistema viabiliza a publicação de fotos de forma individual ou em grupo, com a opção de organizá-las em álbuns. A recuperação do material publicado pode ser feita pela página de cada usuário ou grupo e também via um mecanismo de busca que permite pesquisas por “usuários”, “grupos” e “localização”. As buscas podem ser realizadas por meio de *tags* após a escolha do *menu* oferecido pelo mecanismo de busca do sistema ou então diretamente nas *tags* disponíveis nas páginas dos usuários e dos grupos. Outra opção oferecida para os usuários cadastrados é a dos “comentários” sobre as fotos, assim como podem adicionar “notas”, que são comentários inseridos dentro da própria foto, e *tags*. O sistema permite ainda que os usuários definam autorizações para comentários e *tags*. O uso de *tags* não é obrigatório. No *Flickr*, fotos que não possuem *tags* não ficam conectadas com outras fotos, do mesmo usuário ou de outros, podendo então ser encontradas pelo recurso a outros formatos de busca do sistema.

O sucesso do *Flickr* tem aumentado consideravelmente desde sua criação, segundo dados da *Nielsen/Net Ratings* o *Flickr* cresceu 448%, passou de 250.000 usuários registrados para mais de 2 milhões. Cerca de 100 milhões de fotos foram postadas no *site* desde o ano de 2004 até 2012, sem dúvida uma das grandes contribuições do *Flickr* foi tornar a fotografia mais social e de fácil disseminação.

Blogs

O *blog* é uma ferramenta disponibilizada no âmbito da *web 2.0* que têm se revelado extremamente útil também na publicação de fotografias, para além de um amplo leque de outras funcionalidades como a geração de debates, a organização de conteúdos e o diálogo direto com todas as outras redes sociais.

A expressão *blog* é uma abreviatura de *weblog* e caracteriza-se como um ambiente aberto, dinâmico e de interação possibilitados pela facilidade de acesso e de atualização e, por isso muito utilizado, principalmente pelo fato de oferecer um canal de comunicação direto entre pessoas.

O que distingue o *blog* de um *site* convencional é a facilidade com que se pode fazer registros para a sua atualização, o que o torna muito mais dinâmico do

que os *sites*, pois sua manutenção é mais simples e apoiada pela organização automática das mensagens, ou *posts*, pelo sistema que permite que novos textos sejam inseridos sem a dificuldade de atualização de um *site* tradicional. Seus registros aparecem em ordem cronológica inversa (o último lançamento aparece sempre em primeiro lugar) e utiliza programas simples.

Atribuir ao *blog* a dimensão de ferramenta significa reconhecer todas as possibilidades de usos que alguém pode fazer do sistema, pois um vasto leque de funcionalidades foram sendo agregadas ao longo do tempo.

No contexto da discussão sobre o *blog*, Espinosa (2007) a ele atribui uma definição conceitual entendendo-o como espaço de artefatos culturais que, tendo buscado referência na tradição antropológica e etnográfica, “representa a oportunidade de uma aproximação do contexto sócio histórico de apropriação dos artefatos tecnológicos a partir do olhar subjetivo dos próprios atores que interatuam com as TICs” (ESPINOSA, 2007, p. 272).

Um artefato cultural pode então ser entendido como um repositório de significados compartilhados, produzido por uma comunidade específica. E a partir da sua vocação midiática, o *blog* é uma personalização de seu autor que é expressa a partir das suas escolhas de publicação.

O *blog* incorpora a folksonomia em seu funcionamento, disponibilizando, a possibilidade de “etiquetar”. Tal recurso é semelhante à categorização de *bookmarks* (“favoritos”). Como destaca Alex Primo (2007):

(...) é o processo de geração de metadados (ou seja, dados sobre dados) através da associação de *tags* (etiquetas) a referências e materiais. No *tagging*, em vez do cadastramento padronizado de informações como “autor” e “ano de publicação”, os internautas ao incluírem um novo *link* em sua lista pública de *bookmarks* podem registrar quaisquer palavras que julgarem ser associadas a um certo material. (PRIMO, 2007, p. 3).

O usuário de tal serviço tem a opção de tornar pública a sua lista de *bookmarks*, compartilhando-a com outros usuários, associando assim *tags* a determinados materiais, assumindo a condição de um ambiente colaborativo de interação de impressões, interpretações e classificações de seus usuários.

O *blog*, como sistema que viabiliza o armazenamento e compartilhamento de fotos faz pensar na construção das memórias no ciberespaço, podendo viabilizar um processo folksonômico, permitindo a construção de uma memória coletiva dentro da web.

Em “A nova desordem digital”, David Weinberger (2007) aponta esta possibilidade a partir de um de seus exemplos sobre álbuns fotográficos, com as possibilidades da *web 2.0*:

(...) Não há limites para o número de álbuns que podemos montar. Então, não somos mais forçados a construir cuidadosamente um único caminho pelas memórias. Em vez disso, quanto mais variadas formas de classificar, ordenar e reunir nossas fotos digitais – quanto mais diversificadas – melhor. Não é mais necessário que toda a família concorde a respeito das memórias. Se os álbuns são arquétipos de memória, esta se torna menos o que montamos e bloqueamos e mais o que podemos montar e compartilhar. (WEINBERGER, 2007, p. 16).

O *blog*, assim como outras ferramentas oferecidas pela *web 2.0*, permite ao usuário registrar, organizar e recuperar informações através de *tags* que ele mesmo determinar, podendo compartilhar com outros indivíduos, num processo de construção de um ambiente coletivo de interação. Quando se reúne todas as impressões e *tags* criadas, constitui-se um retrato coletivo sobre determinados conteúdos, gerando nuvens de *tags*, que em geral reúne um conjunto de etiquetas utilizadas, dispostas em ordem alfabética, e a quantidade de conteúdos apresentado em cada etiqueta é mostrado proporcionalmente pelo tamanho da fonte.

4 ACERVOS FOTOGRÁFICOS INSTITUCIONAIS NA WEB: NOVAS POSSIBILIDADES

A publicação e o compartilhamento de fotografias institucionais no contexto de ambiente web 2.0, que viabiliza recursos folksonômicos, é uma prática que vem ganhando terreno, já utilizada mais comumente no exterior, mas também contando com várias experiências interessantes e exitosas no Brasil.

Uma das experiências mais citadas no exterior é a que foi conduzida pela Biblioteca do Congresso Americano que, em 2007, recorreu à plataforma *Flickr* para a disponibilização de coleções fotográficas patrimoniais pertencentes aos fundos de vários tipos de instituições culturais, bibliotecas, arquivos e museus, dando origem ao projeto *THE COMMONS*, nascida da parceria com a *Yahoo*.

Com o projeto os protagonistas objetivaram aumentar a acessibilidade às coleções únicas, explorar as vantagens da “inteligência das multidões”, ganhando informação e contexto sobre as fotografias que as instituições têm dificuldade em descrever por ausência de recursos humanos e enriquecer, eventualmente, os catálogos com este tipo de informação (SPRINGER, 2008; OATES, 2008).

A perspectiva de lançar mão da “inteligência das multidões” é assumida pelo *Flickr*, desejando e buscando a participação dos internautas ao afirmar que o *COMMONS* representa a possibilidade dos usuários contribuírem “com a descrição das fotos públicas do mundo”.

A publicação apenas de coleções e o acesso irrestrito as mesmas foram os critérios adotados no projeto, ao mesmo tempo em que buscou fugir de conteúdos fotográficos muito específicos.

Esta experiência foi seguida por outras inúmeras instituições que igualmente se interessaram em aderir ao Projeto *THE COMMONS*, buscando este mesmo sentido de interação com novos públicos, numa relação “colaborativa”. Neste quadro, pode-se destacar a experiência do Arquivo Nacional da Holanda, da Biblioteca Pública de Nova York, a Biblioteca de Toulouse, o Museu do Brooklyn ou o Arquivo da Universidade do Estado do Oregon.

A Biblioteca Nacional da Austrália, que pode ser considerada uma das pioneiras na utilização do *Flickr*, pois desenvolveu a sua experiência antes mesmo do Projeto *THE COMMONS*, faz uma chamada à participação literal dos usuários na atribuição de *tags* ao seu acervo fotográfico, ao publicizar o seguinte estímulo à participação: “Convidamos você a explorar toda a Biblioteca Nacional da Austrália, e adicionar *tags* e comentários relevantes para as fotos, podendo ajudar a descrever a coleção de fotos públicas do NLA.”.

É unânime entre as instituições que já publicaram alguma informação sobre a suas experiências o destaque aos resultados positivos obtidos. A Biblioteca do Congresso, por exemplo, ressalta os resultados da participação dos internautas para concluir que “*the benefits appear to far outweigh the cost and risks*”. (SPRINGER, 2008).

Entre as instituições estrangeiras que participam no Flickr, se sobressai a experiência da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), de Portugal, estimulada pela intenção de aumentar a acessibilidade às coleções fotográficas; de buscar diversificação do seu público; de ganhar experiência de participação em redes sociais como ponto de partida para uma exploração mais ampla das ferramentas da *web 2.0*.

A Biblioteca de Arte da FCG que conta com um conjunto expressivo de coleções fotográficas, optou pela publicação de algumas delas que já vinham sendo digitalizadas e, desde então, passou a acumular alguns indicadores interessantes que resultaram desta prática: **i)** escala ascendente quanto ao número de visualizações desde a sua entrada na *web*, que ocorreu no segundo semestre de 2008. Entre 2008 e 2010 os conteúdos da galeria foram visualizados 1.157.065 vezes, numa média mensal de 64.281 visualizações e numa média diária de 2.142. A cobertura de visualizações face ao total de fotos disponíveis corresponde a 99%, o que significa que das 4.987 fotografias disponíveis, apenas 50 nunca foram vistas pelo menos uma vez. E no detalhamento dos valores totais, a FCG destaca que as coleções consideradas como “entidades” por si só foram visualizadas 21.623 vezes, os álbuns 104.402, a galeria 273.018 e as fotos 758.022; **ii)** conquistou o primeiro lugar entre as “marcas” mais referidas na *blogosfera* portuguesa, superando outras

instituições da área da cultura, e que segundo o próprio auferidor e analisador do índice, *E.Life Seara.com/Meios & Publicidade*, por meio do seu *site*, afirma: “A Fundação Calouste Gulbenkian demonstrou que, para se captar as atenções do público que navega na internet, o mais importante é dominar as ferramentas da própria rede”.

No Brasil, há inúmeras instituições que igualmente estão recorrendo ao *Flickr* não somente para popularizar o seu acervo de fotos, mas também na intenção de construir redes colaborativas no processo de descrição do objeto informacional fotográfico

A utilização de *weblogs* como ferramenta de disponibilização de acervos fotográficos institucionais vem se disseminando. E a sua popularidade está certamente vinculada ao baixo custo de infraestruturas tecnológicas e conhecimentos técnicos adicionais, viabilizando uma aderência a este recurso com maior facilidade e rapidez, e ao reconhecimento do seu potencial no que se refere a novas possibilidades de proporcionar visibilidade a um determinado acervo, ampliar o escopo de preservação, ganhar novas utilidades e também de agregar valor.

Os exemplos se multiplicam na web. Destaca-se aqui, a título de exemplificação, a utilização que o “Projeto Memória Viamonense” está fazendo do *blog*, usando-o como ferramenta de armazenamento e preservação da memória e construção coletiva do conhecimento. Tem como foco a preservação da memória do Município de Viamão – RS, através de fotografias custodiadas do Arquivo Histórico e pertencente ao Departamento de Memória do Município. As fotografias foram disponibilizadas pelo próprio Departamento, a partir de originais pertencentes à comunidade. O objetivo do *blog* é o de analisar a criação, difusão e acesso às fotografias digitalizadas, examinar a organização da informação no Departamento de Memória.

Usando o recurso da interação, o *blog* está enfrentando o desafio de realizar a identificação e a descrição arquivística das fotos digitalizadas e disponibilizadas na rede. Algumas das fotos cedidas pelo Departamento de Memória de Viamão já contam com informações, mesmo que por vezes imprecisas, mas espera-se a

qualificação da descrição do objeto informacional pelo trabalho de interação a ser realizado com a colaboração da comunidade.

O *blog*, que inicialmente possui uma característica de experimento de ferramenta de preservação da memória social e construção coletiva do conhecimento é mantida com essa ideia, mesmo que ainda seja pequena a contribuição na identificação que advém do segmento mais antigo da comunidade. E tal fato pode ser explicado, em parte, porque a população mais antiga não acessa internet. Outro motivo se explica pela inexistente divulgação do Blog nos meios externos à internet. E para superar esta condição, a coordenação do projeto está concebendo um plano de *marketing* que inclua divulgação nas rádios comunitárias da cidade, além da adoção da política de divulgação boca-a-boca. Mas tanto em um quanto no outro caso, apresenta-se como fundamental deixar claro a intenção do *blog*, ou seja, a importância de preservar a memória.

Nessa altura do desenvolvimento da experiência, a coordenação do projeto anuncia com grandes vantagens na adoção desta ferramenta: que os *blogs* efetivamente possibilitam a preservação da memória, desde que devidamente planejados para alcançar esse objetivo; que também possibilitam a construção coletiva do conhecimento se houver espaço para a colaboração; que são, de fato, ferramentas flexíveis, maleáveis para o uso, na intenção de informar, preservar, difundir e cooperar com a memória; como excelentes recursos para a recuperação de informações.

5 CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA: HISTÓRIA E PRODUÇÃO DOCUMENTAL

5.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG, insere-se no contexto dos movimentos sociais dos trabalhadores rurais no Brasil (MSTR), cuja origem remonta a criação das Ligas Camponesas, nos anos 50 do século XX, momento este relacionado ao crescimento do capitalismo e da economia, com o chamado desenvolvimentismo.

Até por volta de 1950, havia sim mobilização sindical no Brasil, mas com outras características. Ao longo do período que se estende entre o final do século XIX e 1930, os sindicatos se organizavam livremente e os trabalhadores arranjavam suas estruturas de classe da maneira que lhes conviesse. Havia uma interferência do Estado sob a forma de controle repressivo feito pela polícia e por medidas que colocavam organizações trabalhistas na ilegalidade, com o objetivo de conter as reivindicações sociais.

Os anarquistas que migraram para o Brasil tiveram um papel importante, pois defendiam um sindicato livre e a autonomia dos trabalhadores, situação esta que incomodava o Estado burguês. Outro grupo importante nesse contexto foi o comunista, que enquanto prática, mesmo defendendo os sindicatos como organizações livres, buscava atrelar a ação sindical ao partido.

O Estado praticava tentativas de controle e o movimento buscava resistir às ofensivas legalistas e elegeram a organização livre da classe operária como principal instrumento de enfrentamento classista. Em 1908, o anarco-sindicalismo funda a Confederação Operária Brasileira (COB), que levanta as seguintes bandeiras: 1) Defesa da organização operária federativa e não centralizada; 2) a favor de um sindicato com caráter pedagógico e de luta, recusando o assistencialismo; 3) defendia a ação direta da classe trabalhadora, entendendo-a como fundamental, propondo um sindicato apartidário e antiparlamentar; 4) estímulo

à adoção de uma postura sindical guiada pela luta constante contra o reformismo dos agentes do governo e da igreja.

O governo reage a essa mobilização criando vilas operárias, adotando práticas assistencialistas e buscando cooptar os trabalhadores. Com o advento da primeira grande guerra, as condições de vida pioraram acentuadamente, sendo marcada pelo aumento do custo de vida, achatamento dos salários e falta de alimentos. Os operários manifestaram-se contra essas circunstâncias com o desencadeamento de uma grande greve em São Paulo e no Rio de Janeiro, ainda conduzida sob a hegemonia dos anarquistas, o que levou os patrões a realizarem alguns acordos.

São marcas importantes dessa fase a realização do Primeiro Congresso Operário que, entre outras coisas, aprovou o 1º de maio como dia do trabalho; a luta por 8 horas diárias de trabalho (então de 15 horas diárias); a concepção de autonomia e liberdade do movimento; a formação do Bloco Operário e Camponês; a criação do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Mas a partir de 1930, o movimento perde força.

No pós 1930, o sindicalismo foi completamente moldado pelo getulismo. Lançando mão de uma política populista, as entidades sindicais foram cooptadas, anuladas e controladas, passando, em função do marco legal instituído, à condição de atrelamento ao Estado.

Filiados ao Ministério do Trabalho, os sindicatos obrigaram-se a se organizar em um determinado território, preferencialmente municipal ou estadual, sendo formados por categorias funcionais, passando então a existir uma estrutura vertical com formação das federações e Confederações. Com a instituição do Imposto Sindical, as organizações transformam-se num verdadeiro aparelho de Estado, por ele regido e controlado. E com essa estrutura, amplia-se a repressão e a perseguição aos grupos de esquerda, notadamente aos anarquistas e comunistas.

Nessa fase a hegemonia na atividade sindical era exatamente dos denominados “trabalhistas”, cujo conjunto de reivindicações vinculava-se

exclusivamente a dimensão econômica, caracterizando-se, portanto, pela manutenção da ordem capitalista, sem nenhuma relação com profundas transformações sociais, pois as práticas trabalhistas assentavam-se na ideia de “pacto social”.

Mesmo que no final da década de 40 tenham surgido as primeiras organizações de trabalhadores no campo, constituindo-se por áreas de conflito e com um relativo amparo na regulamentação sindical, é só a partir de meados dos anos 50 que emergiram na cena política diferentes categorias de trabalhadores em luta (meeiros, foreiros, colonos, camaradas, posseiros, etc), notabilizando-se as Ligas Camponesas:

[...] com a conotação de um movimento radical de contestação ao sistema de monocultura, à mecanização e à estrutura fundiária nordestina, que tomava o nome de latifúndio, sinônimo não só de grande propriedade, mas também das formas de dominação e opressão nela existente [...]. (RICCI, 1992, p.4).

Aparecendo nos Estados de Goiás, Minas Gerais, Pernambuco e na Paraíba, as Ligas notabilizaram-se pelas intensas mobilizações e denúncias acerca de violências e repressão dos proprietários por pautarem o debate sobre a natureza da propriedade da terra e a necessidade de reforma agrária. O movimento foi sistematicamente atacado, seus líderes sofreram vários tipos de violência, incluindo perseguições e assassinatos.

O aparecimento das Ligas foi fundamental para alçar à condição de protagonistas os trabalhadores do campo, seguindo-se a fundação de sindicatos e outras organizações locais.

Com a ampliação dos conflitos no campo ocorre a intervenção do Estado por meio da adoção de um conjunto de medidas que buscavam conter as mobilizações crescentes: em 1962 foi editada a regulamentação da sindicalização rural, atrelada ao Ministério do Trabalho; aprovação, em 1963, do Estatuto do Trabalhador Rural, estendendo-se ao campo os direitos conquistados pelos trabalhadores urbanos; foi institucionalizada uma unidade específica pra tratar da estrutura fundiária: a Superintendência de Política de Reforma Agrária – SUPRA. O intervencionismo

também se fazia por dentro do Congresso Nacional, incapaz de negociar uma política que amenizasse as profundas diferenças sociais que se verificavam no país, caracterizada, por exemplo, nas diferenças entre campo e cidade.

A situação corrente revelava, portanto, uma incapacidade do Estado de propor políticas concretas para o campo, ao mesmo tempo em que o movimento das organizações dos trabalhadores do campo se desenvolvia num contexto de disputas, muito fortemente entre comunistas e lideranças das Ligas Camponesas, quanto à natureza da reforma agrária e a noção da revolução no Brasil.

Silva (2008) sintetiza bem os argumentos que estão por trás dessa disputa:

Para os comunistas, a reforma agrária seria uma etapa necessária à revolução mediante a formação de aliança com setores industriais numa frente única, além da adoção de medidas parciais. Já os camponeses liderados por Francisco Julião consideravam o campesinato como a principal força política contrária às alianças com a burguesia, principalmente a latifundiária, argumentando que as medidas parciais eram desnecessárias. (SILVA, 2008, p. 59).

A mesma pesquisadora ainda comenta que “possivelmente” essas mesmas questões ainda estão presentes nos movimentos sociais do campo, somando naturalmente a outros temas de discussão, como o mote da autonomia das organizações sindicais em relação ao Estado, podendo ser observado, concretamente, “na atuação entre as três principais organizações nacionais de representação dos trabalhadores rurais e camponeses: CONTAG, MST e FETRAF”. (SILVA, 2008, p. 60.).

O nascimento da CONTAG se dá justamente em meio as experiências das organizações sindicais e das disputas de controle, sendo a “reforma agrária” a principal bandeira. Foi fundada em 22 de dezembro de 1963, no Rio de Janeiro, sendo que o reconhecimento oficial ocorreu em 31 de janeiro de 1961, por meio do Decreto Presidencial nº 53.517.

Instituída, a CONTAG passa a desempenhar, ao lado de outras instituições, pois à época existiam 14 federações e 475 Sindicatos de Trabalhadores Rurais, a difícil tarefa de representar na esfera pública do Estado e da sociedade civil, uma grande diversidade de categorias, notadamente portadoras de uma gama de

especificidades, mas incluídas na categoria genérica de “trabalhadores rurais”.

Segundo Medeiros (1989, p. 38), as atividades iniciais da CONTAG estavam pautadas pela consciência da garantia dos direitos dos trabalhadores rurais, uma vez que tomavam o Estatuto do Trabalhador como a referência legal para tanto, mas que não era respeitado. Na visão da CONTAG, era este o instrumento que regulava as relações entre capital e trabalho, que equacionava as relações entre proprietários de terra, arrendatários e parceiros nas condições passíveis da reforma agrária.

O golpe militar de 1964 resultou em intervenção na entidade, com a direção sendo substituída por uma Junta Governativa, assim como ocorreu com diversas outras organizações sindicais, estudantis e partidárias e outras de caráter político-sociais, e a prisão e exílio de vários dirigentes. O Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) retomou a entidade em 1968.

Medeiros (1989, p 87) aponta que durante o período de exceção, mesmo sob intervenção, a CONTAG realizou uma importante tarefa de mediação política na esfera pública, pelo trabalho realizado de registros, de denúncias de violação dos direitos dos trabalhadores rurais, buscando amparo jurídico fornecido pelo Estatuto do Trabalhador Rural e pelo Estatuto da Terra.

No contexto desse papel desempenhado pela Confederação, ressalta-se uma relação como a natureza do acervo documental que foi reunido. A ação da CONTAG como mediadora política subsidiou a composição de uma memória da época e garantiu mesmo que de forma restrita a organização política dos trabalhadores rurais.

Na fase de redemocratização do país, a CONTAG passou a conviver com novíssimas organizações representativas dos trabalhadores rurais, movimento este chamado de “novo sindicalismo” (MATTOS, 1998), caracterizando-se principalmente pela apresentação de um novo e radicalizado repertório, fato este motivador de uma profunda crise de representatividade vivida pela CONTAG e no contexto do qual vai surgir o MST, formalmente fundado em 1984, e que, desde então, vem pautando a sua ação pela exigência incondicional da Reforma Agrária distributiva. Têm

conquistado ampla visibilidade na esfera pública, se afirmando como “novo” mediador das demandas dos trabalhadores rurais.

Foi no âmbito do processo de redemocratização, mais precisamente em 1979, que a CONTAG promove o seu III Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais, no qual dá indicações da possibilidade de flexibilizar sua estrutura a fim de dar uma resposta à crítica de entidade legalista, pelega, alcunhas dada pelos movimentos sociais do período. Entretanto, logo em seguida, irá retomar a defesa da real legitimidade da representação dos trabalhadores rurais para si, reafirmada com a continuidade do seu modelo de atuação, com ênfase na questão dos grupos rurais de trabalhadores e na demanda por políticas públicas.

Na Nova República, em 1984, teve lugar o IV Congresso dos Trabalhadores Rurais promovido pela CONTAG, que se debruçou sobre a lei de greves, a ampliação dos direitos trabalhistas e previdenciários, a revisão da política agrícola do Governo Federal, o apoio efetivo à pequena produção e uma política voltada para os atingidos por barragens.

Desse período até o presente, a CONTAG vem orientando os seus sindicalistas à defesa do Estatuto da Terra como instrumento inicial para a reforma agrária, pois através de tal estatuto seria possível realizar desapropriações.

Na atualidade, a CONTAG é a maior entidade sindical de trabalhadores e trabalhadoras rurais do país: são 27 federações que reúnem cerca de 4 mil sindicatos rurais e 20 milhões de trabalhadores e trabalhadoras do campo.

A CONTAG representa, segundo os seus estatutos, os interesses e os anseios dos trabalhadores e trabalhadoras rurais assalariados, permanentes ou temporários; dos agricultores e agricultoras familiares, assentados pela reforma agrária ou não; e, ainda, daqueles que trabalham em atividades extrativistas.

E como se autodeclara, a trajetória da CONTAG é fruto de organização, trabalho, articulação e mobilização dos Sindicatos e Federações de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, que em cada município e Estado, vem construindo o MSTTR (Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais), com uma postura

de luta e pluralidade, trabalhando com a diversidade regional, cultural e produtiva do meio rural no país.

5.2 A MARCHA DAS MARGARIDAS

A década de 80 registra o início de uma participação intensa das mulheres, trabalhadoras rurais, nos sindicatos rurais (e de outros atores e atrizes sociais até então invisíveis para as políticas públicas), que passaram a se organizar em movimentos específicos ou mesmo no contexto de movimentos sociais mobilizados a partir da bandeira da reforma agrária. É uma das principais referências para a emergência das mulheres trabalhadoras rurais no contexto do sindicalismo rural e de outros movimentos foi, sem dúvida, a Constituição de 1988.

A pauta principal e que passou a orientar esses movimentos foi a denúncia da histórica desigualdades de gênero no campo e a busca de propostas para superá-las. Segundo Berenice Silva (2008):

A situação das trabalhadoras rurais, por razões históricas e culturais, é muito mais alarmante porque enfrentam as discriminações de gênero, classe e étnicas manifestadas de diversas formas, além das desigualdades inerentes a todos os habitantes do campo. (SILVA, 2008, p. 74).

Revisando algumas publicações técnicas do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), fica claro que a partir da década de 1990 o movimento das trabalhadoras rurais no Brasil é demarcado pelo processo de luta pela terra, garantia de direitos trabalhistas e previdenciários e o acesso às políticas públicas, fortalecimento da autonomia por meio do acesso a crédito e assistência técnica, pela sustentabilidade do uso dos recursos naturais e na defesa da preservação das florestas. A Marcha das Margaridas (MM), que nasce em 2000, refere-se a uma estratégia de mobilização que é integrada por diversos movimentos de mulheres trabalhadoras rurais, pois independentemente de algumas especificidades, as lutas estão relacionadas a questões conjunturais e conflituosas entre esses movimentos e o Estado pelas disputas de interesses entre classes e segmentos sociais distintos.

A inspiração para a instituição da MM se deu principalmente pela

experiência da marcha “Pão e Rosas”, que teve lugar no Canadá, organizada como recurso para reivindicar aumento do salário no Quebec, mobilização esta que repercutiu em todo o mundo, tendo chegado ao Brasil via Fórum Social Mundial de Porto Alegre, de 1999, e posteriormente trazida por várias outras organizações.

A Marcha das Margaridas é concebida na esteira de outros processos, a Carta das Mulheres Brasileiras que, por sua vez, andava de forma combinada a Marcha Mundial das Mulheres (MMM), confluindo numa pauta que se apresentava comum a todos os movimentos: luta contra o neoliberalismo que aprofundava as desigualdades no campo, ao mesmo tempo em que buscava formas de superação dessa condição. A primeira mobilização que ocorre no país, portanto, é uma ação das trabalhadoras rurais brasileiras, a primeira Marcha das Margaridas, articuladas no contexto da MMM, em 2000.



Figura 6 Marcha das Margaridas. Fonte: Agência de Notícias da CONTAG.

O nome da Marcha homenageia a líder Margarida Alves, sindicalista rural

paraibana, que dedicou um intensivo ativismo e militância em prol dos direitos dos trabalhadores rurais e que, ao confrontar usineiros e donos de engenhos na região de Alagoa Grande, acabou sendo assassinada em função do trabalho que desenvolvia em prol dos canavieiros do município de Alagoa Grande, PB.

A MM caracteriza-se como uma grande mobilização desencadeada por trabalhadoras rurais de todo o território nacional, representando diferentes movimentos e perspectivas, mas que constituem uma identidade política em função do combate a todo tipo de discriminação em relação ao gênero, mas também imbuídas de algumas questões mais gerais da categoria, que unificam no tema da luta pela reforma agrária. Ao processo de mobilização ocorre uma concentração das militantes em Brasília, para um grande ato público, de cunho político e de forte apelo simbólico, pelo eixo monumental, evento que acontece a cada três anos.

A primeira Marcha das Margaridas, coordenada por uma Comissão Nacional formada pela Comissão Nacional de Mulheres da CONTAG e por representantes das Comissões Estaduais de Mulheres das Federações e de outras organizações parceiras, ocorre em 2000, reunindo aproximadamente 20.000 mulheres, e foi impulsionada por uma pauta que incluía temas como a terra, o trabalho, os direitos sociais, a autodeterminação e a soberania, discutidos num documento que apresentava um diagnóstico da situação do campo e, nesse contexto, destacando a condição das mulheres.

Para além da Marcha à Esplanada dos Ministérios, outras atividades integraram a Marcha das Margaridas, como espaços para debates, audiências públicas com o poder executivo e o legislativo, atividades culturais e feira solidária, entre outras. O ato público principal, a Marcha propriamente dita, fez surgir no cenário ao longo do eixo monumental um mar de mulheres, embaladas pelo seu hino, a Canção das Margaridas, expressão simbólica das suas bandeiras de lutas:

“Olha Brasília está florida. Estão chegando as decididas. Olha Brasília está

florida. É o querer, é o querer das Margaridas. Somos de todos os novelos. De todo tipo de cabelo grandes, miúdas, bem erguidas. Somos nós as Margaridas. Nós que vem sempre suando. Este Brasil alimentando. Tamos aqui para lembrar. Este país tem que mudar! Olha Brasília está florida...Água limpa sem privar. Sede de todos acalmar. Casa justa pra crescer. Casa justa pra crescer. Saúde antes de adoecer. Terra sadia pra lucrar. Canja na mesa no jantar. Um mínimo para se ter. Um mínimo para se ter. Direito à paz e o prazer. E dentro e fora punição. Pra quem abusa do bastão. Do ser patrão, do ser machão. Não pode não, não pode não. Não pode não, não pode não! Olha Brasília está florida... É o querer, é o querer das Margaridas! É o querer, é o querer das Margaridas!”

A segunda edição da MM, ocorrida em 2003, envolveu aproximadamente 40 mil trabalhadoras rurais, e trabalhou com a chamada “2003 razões para marchar por terra, água, salário, saúde e contra a violência”, tendo como uma das suas características a pactuação de inúmeras parcerias entre instituições e movimentos que se identificavam com a Marcha.

Em 2007 tem lugar a terceira edição, que contou com a participação de 50 mil mulheres, e foi pautada nas propostas de acesso a terra, combate à fome, à pobreza rural, à violência sexista e na promoção da igualdade de gênero. A chamada “Desenvolvimento Sustentável com Justiça, Autonomia, Igualdade e Liberdade” orientou a quarta edição da MM que aconteceu em 2011. A pauta contava com 158 pontos de discussão com o governo, organizados em 07 eixos temáticos: biodiversidade e democratização de recursos naturais; terra, água e agroecologia; segurança alimentar e nutricional; autonomia econômica, trabalho e renda; saúde pública e direitos reprodutivos; educação não sexista, violência e sexualidade; democracia, poder e participação política.

Nos espaços oficiais de divulgação, a Comissão Nacional anuncia que as Margaridas seguem na perspectiva de avançar e qualificar o processo de construção de políticas públicas para as mulheres do campo (www.contag.org.br), acesso em 20 de janeiro de 2013, que adotou o lema “Contra a fome, a pobreza e a violência sexista”, em 2007. Realizada em Brasília (DF) a cada três anos, a Marcha das Margaridas conta com a presença de mulheres oriundas de todas as regiões brasileiras. É tida como uma ação coletiva realizada por mulheres trabalhadoras rurais que constituem uma identidade política, a partir de problemas comuns ao meio rural brasileiro.

5.3 O ACERVO DOCUMENTAL DA CONTAG

Ao longo do presente capítulo, o esforço empreendido foi no sentido de contextualizar, mesmo que em termos gerais, o surgimento do sindicalismo no Brasil e, nesse contexto, evidenciar como se deu a emergência do sindicalismo rural, pois foi no âmbito desse movimento que nasce a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.

Ao longo de quase meio século de existência, a entidade produziu e acumulou um conjunto documental significativo, formado por documentos oficiais (correspondências, relatórios técnicos, panfletos, manifestos, convocatórias, etc.), publicações, depoimentos e fotografias, e que se constituem, a rigor, na sua memória e história.

Impulsionada pelo reconhecimento quanto à relevância que a instituição ocupa no contexto do movimento sindical rural brasileiro e, por decorrência, pelo sentimento quanto ao valor histórico e social do seu acervo, a Diretoria da CONTAG, em 2008, começa a implementar um processo de preservação e organização da sua memória institucional, ainda que de forma modesta. E é certo que a motivação para dar início a esse trabalho também veio da inspiração das políticas documentais da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a criação do Centro de Documentação e Memória Sindical, bem como de outros movimentos similares.

A iniciativa da CONTAG se materializou pela concepção do projeto intitulado “Organização e Gestão do Acervo Bibliográfico e Documental e da Memória Institucional da CONTAG, a ser executado em diferentes fases, por meio dos subprojetos apresentados na planilha que segue:

FASE	TÍTULO DO PROJETO	OBJETIVO
I	Desenvolvimento e aplicação do tratamento de Higienização do Acervo Bibliográfico.	Rearranjar e estabilizar o acervo bibliográfico.
II	Sensibilização, mobilização e articulação dos funcionários da CONTAG com vista à organização, gestão do acervo bibliográfico e documental, e da memória institucional.	Capacitar os funcionários da instituição na condição de facilitadores e colaboradores do processo de trabalho a ser desenvolvido.
III	Planejamento, acompanhamento e transferência do acervo institucional para nova área física.	Realocar o acervo bibliográfico, a memória institucional e os produtos e serviços oferecidos pelo repositório da CONTAG em nova área física depositária, adequada tecnicamente, e em condições de garantir a sua preservação e promover a acessibilidade.
IV	Elaboração do Projeto Político-Pedagógico do Centro de Informação e Documentação da CONTAG em estrutura educadora	Conceber e implementar projetos educativos que visem aproximar a entidade da sociedade, ampliando a sua base de usuários.
V	Atualização da catalogação dos livros doados/recebidos pela entidade.	Realizar o processamento técnico dos livros pendentes de catalogação e efetuar sua inserção no acervo bibliográfico,

		disponibilizando-os para consulta e pesquisas.
VI	Organização e reformatação (digitalização) das fontes documentais primárias e imagéticas (acervo fotográfico) mantidas pela entidade.	Garantir a preservação da herança/memória institucional por meio da migração da base documental, atualizando-a para novos formatos de suporte, em especial o meio digital.
VII	Desenvolvimento e implementação de ferramentas de acesso virtual ao acervo da CONTAG.	Ampliar o acesso ao patrimônio documental que administra, de forma proativa, pela produção e disponibilização de base de dados e arquivos <i>online</i> (catálogos, biblioteca virtual, outros).
VIII	Organização e conversão do suporte físico de dados do arquivo institucional da CONTAG	Organizar e indexar, a partir do processo de conversão para um suporte de dados em formato digital, o arquivo institucional da CONTAG, objetivando a sua perenidade e recuperação dinâmica e ágil da informação.
IX	Desenvolvimento de um banco de dados sobre a trajetória da CONTAG reconstituída por registros de História Oral e História de Vida.	Resgatar e ampliar a base documental sobre a história da instituição acessando a memória individual e/ou

		coletiva de quem vivenciou experiências relacionadas a entidade.
X	Organização das atividades alusivas às comemorações do Cinquentenário da CONTAG	Promover e dar visibilidade à sociedade brasileira, por meio da promoção de atividades centradas na memória institucional, sobre a importância da contribuição da CONTAG ao movimento sindical brasileiro e às conquistas alcançadas pelo trabalhador e pela trabalhadora rural no país.

Quadro 2 Fases do projeto apresentados à CONTAG.

Desse conjunto de subprojetos, somente as 03 primeiras fases foram levadas adiante, por motivações de cunho institucional. Abaixo, apenas a título de ilustração, apresenta-se uma composição de fotografias que evidencia detalhes da Fase I e II, do trabalho de higienização e adoção de critérios de descarte relacionado ao acervo bibliográfico, até a implementação da nova estrutura do Centro de Informação documental da CONTAG.



Figura 7 Fase I do Projeto.
Fonte: Acervo pessoal

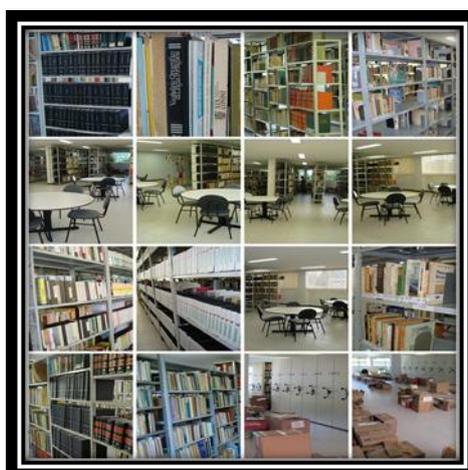


Figura 8 Fase II do Projeto.
Fonte: Acervo pessoal

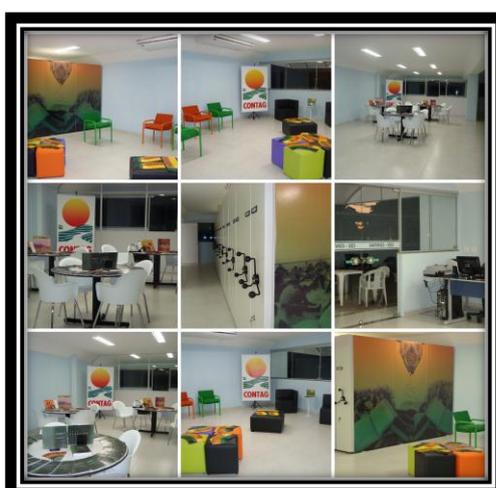


Figura 9 Fase III do Projeto.
Fonte: Acervo pessoal

O acervo documental da instituição, no qual se inclui o núcleo fotográfico, possui uma organização “informal”, sem qualquer orientação de cunho arquivístico, construída a partir da lógica dos funcionários lotados no setor administrativo. A continuação do projeto levaria ao desenvolvimento de um subprojeto específico de organização documental da instituição segundo os estatutos da arquivística. A execução dos subprojetos VI, VII e VIII igualmente dependeriam de tal pré-requisito.

O acervo fotográfico de base analógica representa um volume que gira em torno de 5.000 imagens, registros de diferentes momentos da trajetória histórica da organização. Algumas incursões exploratórias no acervo fotográfico permitiram a um exercício de sistematização que visualizou um exercício de classificação dessas imagens nas seguintes categorias/verbetes: raízes; primeiras lutas; eleições e congressos nacionais; desenvolvimento sustentável; justiça social; agricultura familiar; organização de homens e mulheres; formação sindical; educação do campo; gestão sindical; política transversal; aposentados rurais; relações internacionais e marcha das margaridas, entre outras.

O desafio, portanto, em relação ao acervo fotográfico da CONTAG está colocado em duas perspectivas: organização e recuperação dessas informações.

6 METODOLOGIA

Uma postura metodológica assumida no início do processo desta pesquisa foi importante no que se refere a sua própria condução: o entendimento de que as opções metodológicas poderiam ser definidas na medida mesmo em que a própria pesquisa fosse avançando. Esta premissa considera a prudência de, no contexto de uma pesquisa, não valorizar sobremaneira a adoção de todos os procedimentos metodológicos a serem usados ao longo da investigação, antes da própria pesquisa ser encaminhada, condição esta que abre espaço para que a própria experiência que vai se construindo aponte o melhor caminho a ser percorrido, as melhores estratégias metodológicas a serem escolhidas

Naturalmente que o processo dessa investigação foi iniciado a partir de algumas orientações básicas fundamentais quanto ao estatuto metodológico necessário de ser observado numa pesquisa. Entretanto, os recursos metodológicos não se resumiram ao que foi planejado inicialmente. Assim, o fundamento que permeou esta experiência no que toca a sua dimensão metodológica, foi a de considerá-la numa condição permanente de reflexão, buscando uma ação mediada pela interação entre o sujeito que pesquisa e o objeto pesquisado; entre teoria e prática; entre o pensar e o agir. (VIEIRA, 2000, p. 13).

Pelos contornos que essa pesquisa ganhou, a metodologia assumida configura-se como uma conjugação de procedimentos, que envolve a perspectiva do delineamento, apresenta-se como de cunho exploratório, insere-se na dimensão de pesquisa qualitativa e enfoca um caso em particular.

A rigor, a estratégia metodológica do delineamento e da perspectiva exploratória situa-se numa mesma dimensão. O delineamento indica um processo cíclico, no qual uma primeira investigação ao responder uma determinada situação-problema, também identifica novos problemas a serem averiguados em pesquisas futuras.

Considerando que o delineamento inicialmente proposto no contexto desta pesquisa, centrado no uso da folksonomia na organização e recuperação da

informação fotográfica, é um tema relativamente novo, principalmente no Campo da Ciência da Informação, imaginava-se que no processo de construção da resposta e alcance dos objetivos, novas questões seriam naturalmente suscitadas, como efetivamente ocorreu.

O enquadramento adotado remeteu a consideração lógica de compreender, portanto, este trabalho, como estudo exploratório, que se caracteriza quando há pouco conhecimento sobre a temática e busca-se um aprofundamento. No caso específico desta investigação, pode-se dizer que há uma literatura considerável sobre o escopo conceitual em torno do tema folksonomia, mas ainda muitas incertezas sobre o alcance da sua aplicabilidade. E é exatamente nesse campo que se pretende dar alguns passos com esta pesquisa.

São relativamente escassas as reflexões que tecem considerações metodológicas sobre o estudo exploratório, mas ainda assim foi possível reunir algumas referências e a partir delas estruturar o fundamento metodológico assumido.

E o conceito de pesquisa exploratória, da forma como é tradicionalmente entendida, quem melhor a descreve é Theodorson e Theodorson (1970):

(...)Exploratory study. A preliminary study the major purpose of which is to become familiar with a phenomenon that is to investigate, so that the major study to follow may be designed with greater understanding and precision. The exploratory study (which may use any of a variety of techniques, usually with a small sample) permits the investigator to define his research problem and formulate his hypothesis more accurately. It also enables him to choose the most suitable techniques for his research and to decide on the questions most in need of emphasis and detailed investigation, and it may alert him to potential difficulties, sensitivities, and areas of resistance¹. (THEODORSON e THEODORSON, 1970, p.120)

¹ **Tradução nossa:** Estudo exploratório. Um estudo preliminar com o objetivo principal de se familiarizar com um fenômeno a ser investigado, de modo que um estudo posterior mais abrangente possa ser projetado com uma maior compreensão e precisão. O estudo exploratório (que pode usar qualquer uma de uma variedade de técnicas, normalmente com uma amostra pequena), permite ao investigador definir o seu problema de pesquisa e formular sua hipótese com mais precisão. Ele também lhe permite escolher as técnicas mais adequadas para a sua investigação e decidir sobre as questões que mais necessitam de atenção na pesquisa detalhada, e pode alertá-lo para possíveis dificuldades, sensibilidades e áreas de resistência.

Polit e Hungler (1987) referem-se à “pesquisa exploratória” como estratégia para testar e definir coleta de dados e como uma extensão da pesquisa descritiva. Em Babbie (1986) o argumento está relacionado a uma estratégia de construção de familiaridade como um novo tema de interesse do pesquisador ou quando o objeto de estudo é em si relativamente novo. Já Ross e Rosser (1989) mencionam a pesquisa exploratória como um passo inicial para levantamento de subsídios.

E é este o sentido deste trabalho. Caracteriza-se como exploratório uma vez que uma das intenções é a de justamente gerar uma primeira base de conhecimento para uma futura ação investigativa sobre o mesmo tema, rizomática, de imersão e aprofundamento.

Enquadrada como preliminar poderá, portanto, instrumentalizar outra pesquisa, proporcionando subsídios iniciais ao que se pretende conhecer numa intervenção de pesquisa com objetivos mais abrangentes. No âmbito dessa experiência, busca-se conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e contexto onde se insere.

Como estudo preliminar buscou-se uma visão panorâmica em relação a como a folksonomia vem se constituindo na Ciência da Informação, enveredando para um enfoque particularizado na medida em que intentou identificar as possibilidades do seu uso no que se refere a acervos fotográficos.

Os fundamentos da pesquisa exploratória, portanto, são aplicáveis aos propósitos deste trabalho.

Operacionalmente, este estudo exploratório foi realizado a partir de um levantamento de artigos, teses e dissertações que abordam o tema da folksonomia relacionado mais diretamente à Ciência da Informação, mas que também reuniu algumas referências relacionadas a outras áreas, notadamente à Ciência da Computação e à Arquivologia. O resultado de tal rastreamento, que pode ser caracterizado como revisão de literatura, foi submetido a uma leitura e análise sistemática, buscando organizar o assunto em blocos temáticos, que foram apresentados a partir dos critérios da síntese, da coerência e da coesão, na identificação e definição de elementos capazes de ajudar a responder a situação-

problema e os objetivos elencados neste trabalho.

Mas a investigação não se resume a explorar e reconhecer conceitualmente o tema a partir das especificidades a ele atribuída, pois avança no sentido de analisar o uso da folksonomia na organização e recuperação do acervo fotográfico de uma instituição determinada, uma entidade sindical, a CONTAG. Nesse sentido, portanto, em termos metodológicos, a pesquisa também assumiu a perspectiva de estudo de caso.

E como estudo de caso, este trabalho buscou, após a construção de um panorama conceitual de aporte, concentrar-se num caso em particular, buscando reunir informações mais detalhadas com vista a apreender as dimensões possíveis no contexto de uma situação concreta, preferencialmente vivida como experiência pelo pesquisador, tornando mais palpável a discussão e quiçá, retroalimentando a própria dimensão cultural.

É Yin (2002) que oferece uma referência definitiva para também caracterizarmos esta pesquisa como estudo de caso:

[...] permite uma investigação para se preservar características holísticas e significativas dos eventos da vida real – tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais, administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores.(YIN, 2002, p. 21)

O estudo do caso em tela envolveu a experimentação do uso do processo folksonômico a partir de três variáveis:

- a) analisando 20 imagens relacionadas à Marcha das Margaridas disponibilizadas no Flickr e a correspondente atribuição de *tags* que foi realizada pelos próprios publicadores, dirigentes, sindicalistas, simpatizantes e/ou funcionários da CONTAG. A análise foi encaminhada pela leitura sistemática das palavras-chave atribuídas, posteriormente organizadas em categorias, recurso que garantiu a construção de conclusões e de um quadro global da realidade, apresentando uma avaliação que resulta de medidas muito genéricas de caracterização do conjunto fotográfico trabalhado, cuja origem é, sobretudo, os dados estatísticos provenientes da atribuição de *tags*. A análise qualitativa

mais profunda não foi possível pela inexistência de comentários adicionais relativos às imagens. Entretanto, esboçou-se algumas ideias de como esse trabalho poderia ter sido encaminhado;

- b) analisando as respostas dada a um instrumento de pesquisa do tipo *Survey Monkey*, ferramenta de pesquisa para ser utilizado via *web*, encaminhado para um conjunto de atores envolvidos diretamente com a entidade sindical, constituindo assim um grupo de interesse. O instrumento não somente disponibilizou imagens para atribuição de *tags*, como também apresentou questões relacionadas à identificação mais precisa sobre a base social desses atores.
- c) Considerações teóricas bem como argumentos tecidos a partir de outras pesquisas referenciadas em *blogs* e já realizadas, sobre a utilização desta ferramenta para o processo folksonômico proposto no estudo de caso, buscando identificar potencialidades e desafios deste recurso.

7 FOLKSONOMIA APLICADA AO ACERVO FOTOGRÁFICO DA CONTAG, COM FOCO NA COLEÇÃO MARCHA DAS MARGARIDAS: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

O projeto “Organização e Gestão do Acervo Bibliográfico e Documental da Memória Institucional da CONTAG” ainda não foi implementado na sua totalidade, somente as 03 primeiras fases foram concluídas, como indicado no capítulo 4.3., mas nenhuma delas abarcou o processo de organização e indexação de imagens, mantendo-se ainda no formato de uma organização “informal”, provisória, a que foi estabelecida por uma ação intuitiva dos funcionários da área administrativa, especificamente no setor de biblioteca. E o projeto não avançou nesse processo de organização por falta de prioridade dos gestores.

Tal quadro implicou diretamente nas possibilidades quanto às condições objetivas para a verificação dos processos folksonomicos aplicados ao acervo fotográfico, o que exigiu a construção de alternativas para viabilizar a pesquisa.

Uma das alternativas foi a de recorrer às imagens sobre a Marcha das Margaridas publicadas no *Flickr*, sendo a maioria delas postadas por militantes, dirigentes e/ou funcionários que produziram essas imagens a serviço da CONTAG, muitas delas fazendo parte do acervo digital da instituição, tendo sido já publicadas no *Flickr*, mas não processadas no contexto do acervo institucional.

Por conexão no *Flickr*, que se estabelece por todo um sistema de *links* e *tags* nominativas que formam um emaranhado de relações entre fotografias e fotógrafos, se estabelece um álbum temático constituído por 20 fotografias relacionadas à “Marcha das Margaridas”. As imagens reunidas neste estudo, portanto, **não** resultam ainda de um esforço coordenado e sistemático da entidade sindical que, tendo organizado e indexado o seu acervo fotográfico, o disponibiliza e busca a colaboração dos visitantes. Este ainda é o passo a ser dado pela instituição. Mas de qualquer forma, as fotografias trabalhadas possuem uma relação direta ou indireta com o acervo digital da CONTAG.

A partir de uma leitura sistemática das palavras-chave atribuídas exclusivamente pelos próprios publicadores e dos resultados de investigação já realizadas sobre esta temática (BEAUDOIN, 2007; DING, 2009), foram definidas 05 categorias conceituais que permitiram avançar numa análise, conforme tabela apresentada abaixo. As palavras-chave e sua frequência, entre parênteses, estão distribuídas nas respectivas categorias. Em cada categoria, apresenta-se a frequência de palavras-chave em relação ao número total de 91 *tags*.

Ressalta-se que, para operacionalizar a análise, as seguintes palavras-chave não foram incluídas em nenhuma categoria: Deputados (2); Desenvolvimento sustentável (2). Agricultura Familiar (3); Das (3); 2011 (1); Lançamento (1); Architect (1); Arquiteto (1); Arquitetura (1); Architecture (1); Tambores de Safo (1); Políticas (1); Poiticos (1).

CATEGORIAS	PALAVRAS
Gênero	Feminismo (3); Feminista (2); Gênero (2); Mulheres (3); Margaridas (5); Agricultoras (2); Loucas de Pedra Lilás (1); Woman (1). <u>Frequência:</u> 19/91
Organizações	PT (2); CONTAG (5); Partido Político (1). <u>Frequência:</u> 8/91
Locais	Esplanada (4); Parque (1); Congresso Nacional (4); Brasília (5); Catedral (1); Cathedral (1); Cidade das Margaridas (1); Brasil (1); Brazil (2); DF (1); Distrito Federal esplanada (1). <u>Frequência:</u> 22/91
Mobilização	AMB (2); Marcha das Margaridas (9); Marcha (7); Manifestação (2); Protesto (1); Articulação de Mulheres Brasileiras (1); Movimento (2); Passeata (3); Movimento de Mulheres (4); Marcha das Margaridas 2011 (2); 2011 razões para marchar (2). <u>Frequência:</u> 35/91

Pessoas	Dilma Rouseff (2); Agnelo (1); Niemeyer (1); Oscar Niemeyer (1); Marina Santana (1); Presidenta (1). <u>Frequência</u> : 7/91
----------------	--

Quadro 3 Distribuição das palavras-chave por categoria

A distribuição das palavras-chave pelas categorias e a sua importância relativa parecem revelar algumas preferências dos publicadores, no caso em tela. A categoria com maior frequência de palavras diz respeito à **mobilização** e nela podemos encontrar alguma especificidade para descrever esta realidade: todas as palavras utilizadas remetem, em sentido amplo, a ideia de mobilização, mas também são empregados termos mais específicos para caracterizar instâncias particulares da mobilização em foco, que detalham a sua natureza, como “Marcha das Margaridas”.

A segunda categoria mais representativa é a dos **Locais**, que delimita geograficamente o objeto informacional fotográfico, identificado como Brasília, mas igualmente faz referência a espaços e/ou estruturas físicas construídas, visto que a sua atribuição parece decorrer de uma preocupação semelhante em definir o espaço da ação. Exemplos significativos são “Esplanada” e “Congresso Nacional”.

Aparece como a terceira categoria com maior preferência a de **Gênero**, na qual o termo “Margaridas” é a sua principal expressão para identificar especificamente as “Mulheres” que trabalham no campo, as “Agricultoras”.

Na sequência de preferência de atribuições, encontra-se as **Organizações** seguida de **Pessoas**. No primeiro caso, a importância relativa é claramente determinada pela utilização repetida da mesma organização, **CONTAG**, a entidade sindical com a qual a própria Marcha das Margaridas se confunde. No segundo caso, repete-se a atribuição “Dilma Rouseff” por duas vezes, diretamente, e uma de forma indireta como “Presidenta”, provavelmente numa tentativa de indicar a intenção maior do clamor da Marcha, querendo alcançar mesmo a mandatária do país.

Em trabalho correlato, DING (2009) argumenta que a frequência de utilização

destas palavras-chave parece seguir o padrão indicado pela lei de Zipf, segundo a qual numa determinada amostra textual, um pequeno número de palavras é utilizada com muita frequência enquanto um grande número de termos é usado raramente. E de fato, no caso em análise, 18 palavras são usadas uma única vez e apenas 7 palavras são usadas numa frequência igual ou superior a 4 atribuições: Movimento de Mulheres (4), Congresso Nacional (4), Esplanada (4), Margaridas (5), CONTAG (5), Marcha (7) e Marcha das Margaridas (9).

E por esse conjunto de palavras-chave formado, portanto, por um número maior de ocorrência, é possível, inclusive, para um usuário que acessa pela primeira vez o referido álbum, ter uma noção do que se trata aquele objeto informacional: “refere-se a fotografias sobre uma “Marcha” de protesto, especificamente um “Movimento de Mulheres” conhecido como “Marcha das Margaridas”, no qual a “CONTAG” é protagonista, e que teve como lugar a “Esplanada”, que foi ocupada pelas “Margaridas” em direção ao “Congresso Nacional”. É praticamente um *resumé* do álbum.

Considerando que o conjunto destas 20 fotografias publicadas no *Flickr* produziu, em números absolutos (as palavras-chave distribuídas nas categorias + as que foram excluídas desse processo), 110 palavras-chave atribuídas, conclui-se que os publicadores designaram, numa média simples, 5,5 termos por fotografia. A maior atribuição numa única foto corresponde a 13 palavras-chave e a menor, 03 atribuições.

A esta análise quantitativa, que já possibilita um primeiro nível de compreensão, poderia se seguir uma abordagem qualitativa mais profunda, estratégia esta que permitiria captar em maior profundidade as formas e os sentidos destas intervenções. Entretanto, os publicadores do conjunto fotográfico em estudo, no ato da postagem, não liberaram espaços para comentários dos visitantes, o que teria gerado uma base documental informativa adicional e que viabilizaria uma imersão na tipologia de conteúdos (o que ocorreria, por exemplo, caso fosse viabilizada a descrição das fotografias não somente com atribuição de *tags*, mas também de títulos e de descrições).

A segunda alternativa construída foi a de proporcionar ao grupo de interesse constituído por dirigentes, sindicalistas, militantes e funcionários da CONTAG, as condições objetivas para a atribuição de palavras-chave ao conjunto de 20 fotografias selecionadas, que se viabilizou pelo encaminhamento, aos atores acima mencionados, de um instrumento de pesquisa do tipo *Survey Monkey*, ferramenta de coleta de dados para ser utilizado via *web*.

O questionário e as fotos para atribuição das *tags* foram enviadas para 100 destinatários de *e-mail*, endereços estes reunidos junto à própria CONTAG e às respectivas federações estaduais.

A análise que segue foi realizada com uma amostra de 08 instrumentos devolvidos. Este número se justifica em função do pequeno prazo proposto aos respondentes para devolução do instrumento, assim como em função do período em que foi disponibilizado, coincidindo com eventos promovidos pela entidade sindical, que colocou seus militantes em condição de deslocamento.

Como já era de se esperar, pelo recurso de distribuição do instrumento por indução, todos os respondentes possuem algum tipo de vínculo com a entidade, conformando uma base distribuída conforme expressa nas tabelas abaixo.

Quanto à formação

Nível de Formação	Quantidade
Ensino Médio Completo	04
Ensino Superior	02
Pós-Graduação	02
Total	08

Tabela 1 Formação dos respondentes

Quanto ao Sexo

Sexo	Quantidade
Feminino	04
Masculino	03
Não Respondeu	01
Total	08

Tabela 2 Sexo dos respondentes

Quanto à Distribuição Etária

Faixa	Quantidade
31 a 40 anos	03
41 a 50 anos	04
51 a 60 anos	01
Total	08

Tabela 3 Distribuição etária dos respondentes

Foram atribuídas, pelos respondentes, um total de 87 palavras-chave. E no exercício de designação de *tags*, constata-se repetição do padrão encontrado na atribuição via *Flickr*. Do conjunto de palavras-chave, 52 relacionam-se a 3 categorias principais: "mobilização", "Gênero"; e "instituição", apresentando ocorrência de palavras-chave conforme expresso no quadro demonstrativo abaixo.

CATEGORIAS	PALAVRAS
Gênero	Mulheres (9); Margaridas (4); Mulher do Campo (1); Idosa (1); Direito da Mulher (2); Saúde da Mulher (1); Trabalhadora Rural (20); Ser Mulher. <u>Frequência:</u> 24/88
Organizações	Mobilização: Marcha (4); Ação (1); Participação (1); Mobilização (1); Luta (3); Movimento (7); Militância (2); Opinião (1); MMM (1); Luta pela liberdade de expressão (1); Todos pela igualdade (1); Luta pela Igualdade Racial (1). <u>Frequência:</u> 20/88.
Locais	<u>Instituição:</u> Fetagre (2); CONTAG (4); Fetagre AM (1).

Quadro 4 Palavras-chave por categoriaPalavras-chave por categorias

Observa-se que, no contexto das 03 categorias, as palavras-chave mais atribuídas foram respectivamente: Movimento (17), Mulheres (9) e CONTAG (4). Todas as demais 35 palavras foram atribuídas apenas uma vez.

No contexto da atribuição de palavras-chave por esta estratégia de indução, observa-se, portanto, a reprodução da mesma tendência verifica na designação via *Flickr*.

O outro objetivo atribuído a esta seção, foi o de apresentar algumas considerações sobre a utilização do *weblog* para o processo folksonômico proposto neste estudo de caso, buscando apontar aspectos relacionados mais a procedimentos, já que o potencial da ferramenta foi discutido no capítulo 3.4.1.1

Como já mencionado anteriormente, o acervo fotográfico da CONTAG ainda será submetido ao trabalho de organização documental nos moldes propostos pela arquivística. E nesse contexto, a *web 2.0* apresenta-se como uma oportunidade não somente para a criação de base de dados e execução de processos de conversão digital das peças fotográficas do acervo, diversificando assim o suporte e ampliando, conseqüentemente, as possibilidades de preservação deste bem cultural, mas também como estratégia para conquistar um público mais amplo, e ainda como oportunidade para aproveitar a “inteligência das multidões” com o objetivo, nesse

ambiente coletivo, colaborativo e aberto, da construção coletiva da memória sindical rural brasileira.

Para que o blog se efetive, portanto, como instrumento que viabiliza essas oportunidades, é necessário: - que a instituição incorpore efetivamente as possibilidades advindas da *web* colaborativa na sua política de organização e gestão documental; - encaminhar o processo de organização e gestão do acervo documental como um todo e, de forma particular, da documentação fotográfica; - migração do suporte em papel para o suporte digital, considerando, quando as premissas ainda não estiverem defasadas em relação à tecnologia, as “Recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes do CONARQ”; - publicar o acervo fotográfico num *blog* a ser criado, preferencialmente, “*linkado*” ao *site* institucional, com chamamento aos usuários (que provavelmente visitarão o endereço na condição de grupo de interesse, por estarem de alguma forma envolvidos com o conteúdo do objeto informacional), para adicionar descrições, enfim, o conhecimento que detêm sobre as referidas imagens; - considerar, no processo de gestão do acervo fotográfico, que as *tags* a serem compartilhadas pelos usuários passarão a fazer parte da construção de um ambiente coletivo de interação, configurando a rigor a forma como se utiliza a memória, que é recorrendo a experiências com outros indivíduos.

Parece ficar claro que os recursos aqui analisados a partir do estudo de caso em análise contribui fortemente no cumprimento da tarefa de facilitar ao cidadão o exercício de seu direito de acesso ao patrimônio documental relacionado a história sindical rural do país, que também pode se oportunizar (e potencializar) pela internet e possibilidades de penetração social.

8 RESULTADOS

Retomamos na finalização do presente trabalho, a situação-problema que orientou a pesquisa, que foi delineada no sentido de averiguar se o uso da folksonomia é capaz de contribuir no processo de recuperação da informação fotográfica proveniente do acervo temático da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG.

A partir do debate conceitual em torno da folksonomia, produziu-se no âmbito deste texto dissertativo uma tabela que organizou os argumentos em lados diferentes, apresentando na forma como emerge da revisão da literatura especializada, os “prós” e os “contras” quanto a sua aplicabilidade, dado que já colocaria a situação-problema em suspensão.

Entretanto, apresentou-se como um argumento forte e capaz de superar esta condição de uma prática que se situa entre o bem e o mal, a reflexão de Frederick Van Amstel que, em síntese, manifesta a defesa de se buscar saber em que situação a aplicabilidade da folksonomia é adequada, questão que segundo o autor é muito mais importante do que estabelecer se é uma estratégia boa ou má.

E esta assertiva é verdadeira na medida mesmo em que é necessário considerar que a tendência colaborativa que emerge com a *Web 2.0* parece ser irreversível. E ao passo que a folksonomia se estabelece, viabilizando um diálogo aberto entre usuário e os objetos informacionais, onde a atenção dos pesquisadores da Ciência da Informação volta-se para o entendimento dessa nova maneira, e de outros métodos, que sejam capazes de dar conta da grande quantidade de informações que passa a ocupar o espaço da internet.

Assim, ao buscar responder a situação-problema, o trabalho encontrou evidências concretas de que a folksonomia é sim capaz de contribuir no processo de organização e recuperação da informação fotográfica proveniente do acervo da CONTAG. E essa possibilidade ocorre na medida em que certas condições objetivas são observadas: - disponibilização da base tecnológica necessária; - migração do conteúdo documental fotográfico para a *web*; adoção de protocolos que permitam a interação entre o usuário e o objeto informacional; apropriação das informações

coletadas no processo de gestão documental do acervo.

Mas a resposta vai ganhando contornos mais consistentes na medida em que se retoma igualmente os objetivos específicos.

Um dos objetivos específicos foi proposto da seguinte maneira: **analisar** em que medida pode ocorrer a colaboração participativa a partir do chamamento a militantes, dirigentes e simpatizantes, entre outros atores, no processo de geração de folksonomia com vista à recuperação da informação do mencionado acervo fotográfico e, por decorrência, na construção coletiva do conhecimento sobre a memória da entidade.

Não restam dúvidas, a partir das evidências levantadas, que a colaboração participativa do grupo de atores mencionados efetivamente ocorre porque, em torno das fotografias da Marcha das Margaridas se constituiu uma comunidade de interesse, conformada exatamente pelo envolvimento direto daquelas pessoas com o tema do sindicalismo rural brasileiro, de forma mais ampla, ou por militância/envolvimento mais direto com a questão de gênero no contexto deste movimento sindical.

No *Flickr*, na condição de publicadores, a comunidade de interesse se forma espontaneamente, realizando, para além da postagem, a atribuição de *tags*, que já é por si um indício da disposição colaborativa. Pela estratégia do questionário, a comunidade de interesse ocorre pela indução, mas que demonstra (deixa claro) o envolvimento participativo pelo retorno dado à demanda criada.

Esse grupo de interesse, mobilizado pela questão em comum e que os estimula a atribuir *tags* e comentários às fotografias, já está naturalmente caminhando no sentido de construção da Memória Coletiva que, segundo Casalegno (2006, p. 21) se forma “quando toda a coletividade passa a acessá-la e nutri-la, porque são os indivíduos que participam de sua criação, e não as instituições oficiais”.

A ideia de que o ambiente da *web* colaborativa passa a se constituir em ambiente privilegiado para a produção desta Memória Coletiva em torno de um tema

de interesse encontra força nos argumentos de Halbwachs (2004), pois para este autor, os indivíduos formam impressões não somente apoiados em sua memória, mas também nas de outros, conferindo maior exatidão no que buscam quando tentam recuperar informações. É como se uma experiência fosse recomeçada não só por uma pessoa, mas por várias.

O segundo objetivo específico foi delineado da seguinte forma: analisar quais são os impactos da folksonomia viabilizada pelo uso da plataforma de partilha denominada *Flickr* e pelo estímulo direto ao grupo de interesse, no processo de atribuição de palavras-chave e na recuperação da informação do acervo fotográfico.

Todas as 20 fotografias estudadas no *Flickr* receberam palavras-chave, numa variação que oscila de uma mínima de 03 atribuições a uma máxima de 13 atribuições, sendo 5,5 a média de atribuições. E parece residir aí um indicador: o comportamento de classificar as fotografias apresenta-se como frequente por parte de usuários reunidos em torno de um grupo de interesse. Os atores que classificaram as fotografias relacionadas à Marcha das Margaridas parecem, assim, fazer algum investimento em utilizar este recurso para organizar as fotos de acordo com as suas perspectivas ou eventualmente buscando contribuir para uma melhor recuperação e identificação pela comunidade.

No *Flickr*, a frequência de informação adicionada via palavras-chave sobre “mobilização”, “locais”, “gênero” e “organizações”, e no questionário do tipo *Survey Monkey*, a frequência em torno das categorias, fortalece a ideia já referida acima, de intervenção de uma forte comunidade de interesse sobre estes temas, que demonstram um conhecimento aprofundado.

É interessante também deixar registrado que os processos folksonômicos que viabilizam o diálogo aberto entre os usuários, seja pela atribuição e cruzamento das palavras-chave ou comentários, significa, a rigor, atribuição de valor à rede, uma vez que viabiliza não somente o acréscimo de informações, mas igualmente a possibilidade de correção ou precisão das intervenções de outros, garantindo assim qualificação no processo de organização e recuperação dessa informação.

Na direção do argumento acima, Bruno e Vaz (2002), ao tratar da delegação das tarefas de encontrar informação na *web* aos dispositivos técnicos, exaltam que a maior novidade desta técnica é que, ao contrário dos meios de comunicação de massa, ela não busca a homogeneização ou a massificação, mas sim “criar diversas zonas de agrupamento de gosto”.

Já o terceiro objetivo específico foi desenhado com a seguinte intenção: compreender como a *web* colaborativa pode contribuir no processo de preservação e proteção do patrimônio fotográfico vinculado a experiência sindical rural no Brasil.

A constatação sobre o papel da *web* quanto ao processo de proteção do patrimônio documental em geral e, por decorrência, em relação ao patrimônio fotográfico vinculado a experiência sindical rural no país, diz respeito a geração de novos suportes para o acervo (fato este que amplia as possibilidades de salvaguarda, pois além do acervo físico, preso a uma estrutura física e destinado a um determinado público, notadamente especialistas, passa a se ter o acervo digitalizado, aberto a comunidade planetária em sua diversidade e urgências) baseados nas possibilidades viabilizadas pelos ambientes colaborativos, agregando novas facilidades de acesso, passando a oferecer a informação documental também para o usuário do ambiente virtual.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de desenvolvimento deste trabalho, foi se delineando a constatação de que a folksonomia é um importante recurso em ambientes digitais de informação, constituindo-se em aporte capaz de contribuir de forma decisiva no processo de organização de acervo fotográfico. E quando este processo envolve uma comunidade de interesse, reunida por uma questão em comum, por um tema unificador, é possível o aumento da taxa de sucesso na localização da informação e torna-se viável uma classificação que não é disjunta do vocabulário da comunidade.

Mesmo considerando que o problema da informação em grande escala e que, nesse universo infinito da *Web* é algo que está longe de ser solucionado, é possível dizer que a folksonomia se apresenta como um importante recurso que, somado a outros, apontam na possibilidade de desenvolvimento de sistemas cada vez mais eficientes de organização e recuperação da informação.

Como mecanismo de representação, organização e recuperação de informações onde os próprios indivíduos que buscam informação na rede ficam livres para representá-la, organizá-la e recuperá-la, apresenta-se um novo leque de opções ao efetuar uma pesquisa para encontrar algum dado. Este recurso, aplicado ao objeto informacional fotográfico, viabiliza a construção de uma memória coletiva. No momento em que as *tags* são criadas e publicadas está se compartilhando a memória daquilo que foi visitado na *web* com outros usuários, que estão fazendo a mesma coisa.

Mais do que construção de uma memória coletiva nesses ambientes, o hipertexto, ou seja, o relacionamento de assuntos, também passa a ser coletivo na medida em que os usuários do sistema podem gerenciar estas informações livremente, criando os *tagueamentos*, discutindo sobre a melhor forma de utilizá-los, trocando-as entre si, buscando muitas vezes usar as que correspondam ao senso comum para facilitar a busca de informações, não só para si, mas também para os outros indivíduos.

No processo folksonômico, portanto, o gerenciamento dos dados é delegado ao usuário, que vai da maneira que lhe for mais conveniente, organizar os arquivos. Nesse contexto, a memória coletiva é consequência dessa prática, mas extremamente útil. indispensável mesmo quando se busca a restituição dos significados a uma determinada fotografia de um determinado acervo, como o da CONTAG, por exemplo.

Nesse campo, as pesquisas sobre a experiência do usuário, além de ser fonte indispensável para o avanço da folksonomia, vão determinar as vantagens e desvantagens desse tipo de atividade.

Como decorrência da experiência proporcionada por este trabalho, emerge um conjunto significativo de novas possibilidades de pesquisa nesse campo, mas ganha força, principalmente pela referência ao caso estudado, a ideia de um estudo sobre a folksonomia no contexto de instituições arquivísticas. As abordagens no campo da arquivologia enfatizam o acesso aos arquivos, porém nem sempre se inclui o usuário como sujeito do processo. Os conceitos de acesso aos arquivos expressam possibilidades de consulta a documentos no que diz respeito às questões legais e intelectuais, tais como a existência de instrumentos de pesquisas.

A inclusão de acervos arquivísticos na internet implica em novos desafios à área, ao permitir uma maior possibilidade de acesso aos usuários. As instituições têm na internet um recurso de grande potencial para a ampliação dos serviços prestados, bem como um aumento de sua visibilidade institucional e social, o que contribuirá no fortalecimento de seus vínculos com o cidadão.

REFERENCIAS

AMARAL, A. RECUERO, R.; MONTARDO, S. P. Blogs: mapeando um objeto. In: AMARAL, A. RECUERO, R.; MONTARDO, S. P. **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, S.d.

BARHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAEZA-YATES, R.; RIBEIRO-NETO, B. **Modern Information Retrieval**. New York: Addison Wesley Longman, 1999.

BELLOTTO, Heloísa. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. São Paulo: T.A Queiroz, 1991.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986; p-91-107. Obras escolhidas, v.1.

BERNERS-LEE T.; LASSILA, O.; HENDLER, J. The semantic web. **Scientific American**. New York, v. 5, May 2001. Disponível em: http://www.sciam.com/print_version.cfm?articleID=00048144-10D2-1C70-84A9809EC588EF21. Acesso em: 10 de dezembro de 2011.

BRASCHER, M. **A ambiguidade na recuperação da informação**. DataGramZero, Rio de Janeiro, v.3, n.1, fev. 2002; disponível em <http://www.dgz.org.br/fev02/Art_05.htm>.

BRANDT, Mariana Baptista. **Etiquetagem e folksonomia: uma análise sob a óptica dos processos de organização e recuperação da informação na web**. 2009.149f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Brasília. 2009.

BRUNO, F; VAZ, P. Agentes.com: cognição, delegação, distribuição. **Contracampo**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 23-38. 2002. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br>. Acesso em: 12 dez. 2012.

BORST, W. N. **Construction of Engineering Ontologies**. Tese de doutorado, University of Twente, Enschede, 1997, 215 p.

CAMPOS, M .L. A. et at. **Ontologias: representando a pesquisa na área através de mapa conceitual**. In: ENANCIB – ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8, 2007, Salvador. Anais eletrônicos... Salvador; UFBA, 2007. Disponível em: <<http://WWW.enancib.ppqci.ufba.br/artigos/GT2-129.pdf>>. Acesso em 02 dez. 2011.

CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação da era das redes**. Porto Alegre: Editoria Sulina, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTRO AA, CLARK OAC. Planejamento da pesquisa. In: Castro AA. **Planejamento da pesquisa**. São Paulo: AAC;2001.

CATARINO, Maria Elisabete; BAPTISTA, Ana Alice. Folksonomia: um novo conceito para a organização dos recursos digitais na web. **Revista Data Grama Zero**, v.8, n.3, jun. 2007. Disponível em: http://dgz.org.br/jun07/Art_04.htm. Acesso em: 20 de junho 2010.

DALHERG, I. Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, v. 20, n. 4, 211-222. 2006.

DAVID, Kato; SILVA, Gledson. **Folksonomia**: uma nova ferramenta para a organização de informações. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.terraforum.com.br/blog/Lists/Postagens/Post.aspx?ID=76>. Acesso em: 18 de jul. 2010.

DEDA, Rhodrigo. **Novo conceito de organização na internet**. Curitiba, 2005. Disponível em: <http://www.parana-online.com.br/editoria/pais/news/125106/>. Acesso em: 18 de março de 2010.

DUBUC, R. **Qué es la terminología? Manual de terminología**. Traducción de Ileana Cabrera. 3ª ed. Providencia: Ril, 1999.

ESPINOSA, H. **Interstícios de sociabilidade**: uma autoetnografia de consumo de TIC". *Athenea Digital*, nº 12, p. 272-277, 2007. Disponível em: <http://psicologiasocial.uab.es/atheneaDigital/article/view/448>. Acesso em 22/01/2013.

FEITOSA, Ailton. **Organização da informação na web**: das tags à web semântica. Brasília: Thesaurus, 2006. 136p. (Estudos avançados em Ciência da Informação, v.2)

FLEW, Terry. **Novas Mídias**: uma introdução. Melbourne: Oxford University Press, 2008.

GUINCHAT, Claire & MENOUE, Michel. As linguagens documentárias. In: **Introdução Geral às Ciências e Técnicas da Informação e Documentação**. 2. ed., revista e ampliada. Brasília: IBICT, 1994, p. 133-169.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 207 p.

GRÁCIO, J.C.A. **Metadados para descrição de recursos da Internet**. 127 p., 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2002.

GRUBER, T. **What is an ontology?** [S. l. : s. n.], 1996. Disponível em: <<http://www-ksl.stanford.edu/kst/what-is-an-ontology.html>>. Acesso em: 18 jul. 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HJØRLAND, B. Towards a theory of aboutness, subject, topicality, theme, domain, field, content...and relevance. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**. v. 52, n. 9, p. 774-778, 2001.

_____, B. **Cognitive views in knowledge organization (KO)** 2007. Disponível em: <http://www.db.dk/bh/lifeboat_ko/HISTORY%20&%20THEORY/cognitive_view_in_knowledge_orga.htm> Acesso em: 1 jun. 20011.

_____, B. Information retrieval (IR) as challenger to knowledge organization (KO). 2007. Disponível: //www.db.dk/bh/lifeboat_ko/HISTORY%20&%20THEORY/information_retrieval%20approach.htm> Acesso em: 7 jun. 2011

JACOB, e. k. Ontologies and the semantic web. **Bulletin for the American Society for Information Science and Technology**. V. 29, n.4, p. 19-22, Abr./May. 2003.

KEPPLER, C.D. **BLOG MEMÓRIA VIAMENSE: preservação da memória e construção coletivado conhecimento no Departamento de Memória de Viamão**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 124p.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LIMA-MARQUES, Mamede. **Ontologias: da filosofia à representação do conhecimento**. Brasília: Thesaurus, 2006. 72p. (Série Ciências da Informação e da Comunicação, 1).

LOPEZ, André Porto Ancona. **As razões e os sentidos: finalidades da produção documental e interpretação de conteúdos na organização arquivística de documentos imagéticos**. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: USP, 2000.

_____. **Tipologia documental de partidos e associações políticas brasileiras**. São Paulo: Loyola/Usp, 1999. 151p.

MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MARLOW, Cameron; NAAMAN, Mor; BOYD, Danah; DAVIS, Marc. **Position Paper, Tagging, Taxonomy, Flickr, Article, ToRead**. IN: WWW2006 INTERNATIONAL WORLD WIDE WEB CONFERENCE, 15., 2006, Edinburgo Scotland. Papers... Disponível em: <<http://www.rawsugar.com/www2006/29.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2010.

McGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 206p.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro: FASE, 1989.

_____. **Lavradores, trabalhadores agrícolas, camponeses**: os comunistas e a constituição de classe no campo. IFCH, Unicamp, 1995. Tese de Doutorado em Ciências Sociais.

MERHOLZ, Peter. **Metadata for the masses**. Outubro, 2004.

MORVILLE, Peter; ROSEVELD, Louis. **Information Architecture**: for the world wide web. 3.ed.

MOOERS, C. Zatocoding applied to mechanical organization of knowledge. **American Documentation**. Washington, v. 2. N.1, p. 20-32. 1951.

NASCIMENTO, Geysa Flávia Câmara de Lima. **Folksonomia como estratégia de indexação dos bibliotecários no Del.icio.us**. 2008. 104f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

O'REILLY, T. **What Is Web 2.0**: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. O'Reilly Media, Inc. Disponível em: <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20>. Acesso em: 20 de jul. 2010.

PEREIRA, Roberto. **Folkauthority**: a aplicação do conceito de autoridade cognitiva por meio de folksonomia. 2008. 161f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008.

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais...**; 2006. Brasília: UNB, 2006.

RECKZIEGEL, Ana Maria de Mattos. **Betamemória**: o blog e a folksonomia como ferramentas de preservação do patrimônio ferroviário. 2010. 79 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

RODRIGUES, André Augusto de Abreu. **Folksonomia**: análise de etiquetagem de imagens no Flickr. 2010. 113f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte. 2010.

RUFINO, Airtiane Francisca. **Folksonomia**: o efeito de sua aplicação no processo de recuperação da informação. 2010. 57f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

SALES, R.; CAFÉ, L. **Diferenças entre tesauros e ontologias**. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v.14, n.1, 2009.

SANTANA, Glessa Heryka Celestino de. **Folksonomia**: a representação colaborativa da informação. Monografia (Graduação de Biblioteconomia). Rio Grande do Norte: UFRN, 2010.

SANTAREM SEGUNDO, J.E. **Representação Interativa: um modelo para repositórios digitais**. UNESP/Marília, 2010, 224 p. (Tese de Doutorado).

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. In: International Conference on Conceptions of Library and Information Science: Historical, empirical and theoretical perspectives. Aug. 26- 28, 1991. University of Tampere. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SILVA, Berenice Gomes da. **A Marcha das Margaridas**: resistências e permanências. Brasília: UnB, 2008. 172p. (Dissertação de Mestrado).

SMIT, Johanna W. A representação da imagem. **Informare**: cadernos do Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação. Rio de Janeiro, v.2. p.28-36. Jul.- dez. 1998.

SPITERI, Louise. **Controlled Vocabulary and Folksonomies**. Disponível em: <<http://www.collectionscanada.ca/obj/014005/f2/014005-05-209-e-e.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2010.

SPRINGER, Michelle et al. **For the common good: the Library of Congress Flickr pilot Project**. 2008. Acessado em 13/01/2013. Disponível em: http://www.loc.gov/rr/print/flickr_report_final.pdf

TÁLAMO, M. F. G. M.; LARA, M. L. G.; KOBASHI, N. Y. Contribuição da terminologia para a elaboração de tesaurus. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 197-200, set./dez. 1992.

TARAPANOFF, Kira. Informação, conhecimento e inteligência em corporações: relações e complementaridade. In: **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília: UNESCO, 2006. p. 19-35.

TAYLOR, A. **The organization of information**. 2.ed. Littleton: Libraries un limited, 2003. (Library and information science text series).

TERRA, José C. C. et al. **Taxonomia** : elemento fundamental para a gestão do conhecimento. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

VAN AMSTEL, F. M. C. **Folcsonomia**: Vocabulário Descontrolado, Anarquitectura da Informação ou Samba do Crioulo Doido? In: Anais do 1o Encontro Brasileiro de Arquitectura da Informação, 2007. Disponível em: http://usabilidoido.com.br/folcsonomia_vocabulario_descontrolado_anarquitectura_da_informacao_ou_samba_do_crioulo_doido.html. Acesso em: 30 de out. 2011.

VICKERY, B. C. Knowledge representation. **Journal of documentation**. v. 42, n. 3,

p. 145-159. 1986.

VANDER WAL, Thomas. **Folksonomy definition and wikipedia**. Disponível em: <<http://www.vanderwal.net/random/entrysel.php?blog=1750>>. Acesso em: 15 jul. 2010.

ANEXO A – Questionário